MUSIC - UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 11132938 9

JUSTICE GUIDE THE SCALES DET

Octaviano Sá
COIMBRA

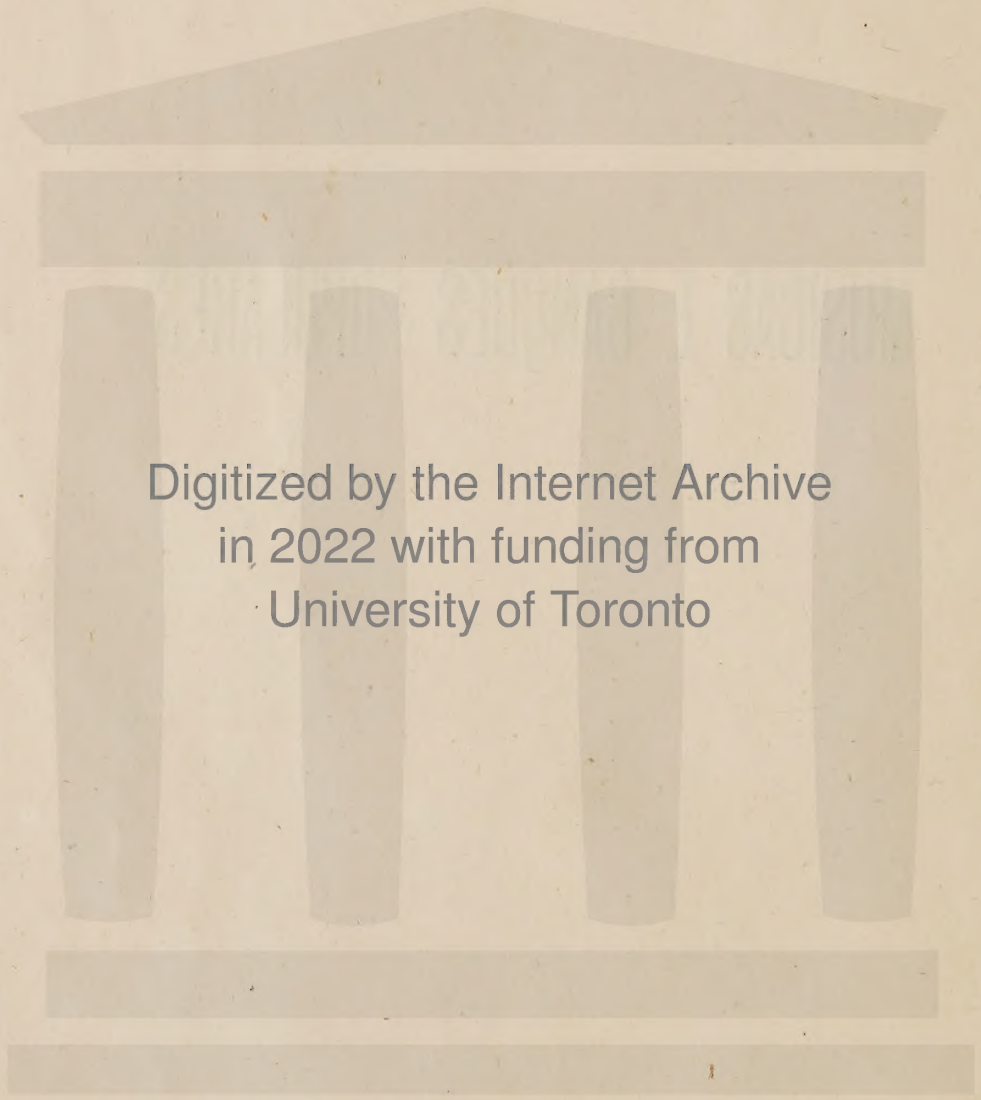
VOLUME N.º 1294

Nº
Estante
Prateleira

st. 2
rat. 11
ol. 1
º 1294
ala

100.

MUSICAS E CANÇÕES POPULARES


Digitized by the Internet Archive
in 2022 with funding from
University of Toronto

https://archive.org/details/musicasecanespop00mell

MUSICAS

E

CANÇÕES POPULARES

COLLIGIDAS DA TRADIÇÃO

POR

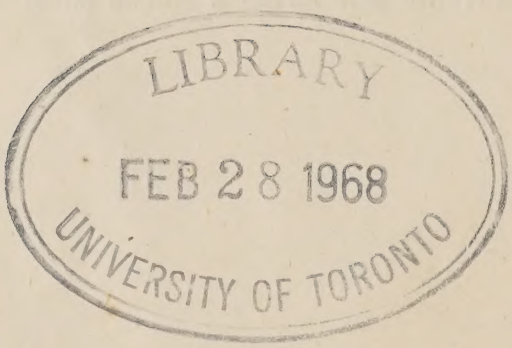
ADELINO ANTONIO DAS NEVES E MELLO (filho)

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1872

Quem quer prazer suave e amor divino,
feche na mansa aldeia o seu destino.

T. Ribeiro.

M
1781
M45M8



A sua mulher

Felicia Teixeira Leite Velho e Mello

Em testemunho de immenso amor

Offerece

A. A. Neves e Mello.

ADVERTENCIA

Este cancioneiro não é mais do que um singelo ramo de flores silvestres colhidas ao acaso pelo campo; modesto e simples na sua ingenua belleza é, todavia, suavissimo e brando o seu aroma; sente-se uma certa frescura moral ao aspiral-o, uma subtil viração de primavera.

São rudes, na verdade, estas flores, mas vivem livremente á luz do sol sem que ninguem lhes contrarie o seu caprichoso crescimento; amando a liberdade, não invejam as galas dos jardins. E como poderia ahi viver quem luxuriantemente se expande e desenvolve? Estiolava, de certo, fenecia. Os impetos da vegetação cerceava-lh'os a arte, e as incorrecções,

muitas vezes sublimes, eram impossiveis ali.

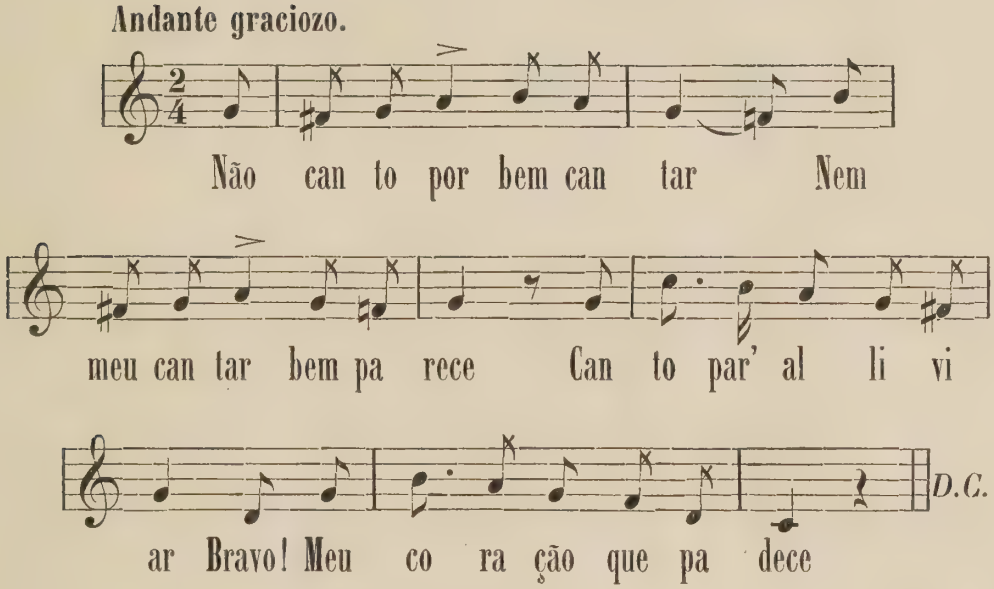
A saudosa recordação do bello tempo, que passei nos logares aonde cuidadosamente colhi essas flores, é de um encanto indisivel para mim.

Aquelles que identificaram outr'ora a sua existencia ao viver tranquillo e formoso das aldeias, de certo comprehenderão o sentimento com que se recordam taes evocações do passado; para esses deve ter este cancioneiro, alem do insignificante merito da compilação, o merecimento mais verdadeiro da saudade.

I

CANTIGAS DE COIMBRA

NÃO CANTO POR BEM CANTAR



Não canto por bem cantar,
Nem meu cantar bem parece,
Canto para alliviar
Meu coração, que padece.

Não canto por bem cantar,
Nem por boas fallas ter,
Canto por dar que fallar
A quem não tem que dizer.

Não canto por bem cantar,
Nem por ter fallas de amante,
Eu canto para dar gosto
A quem me pede que cante.

Quem me ouvir a mim cantar
Cuidará que'stou alegre,
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

Aqui venho cantar penas,
Não é por mim que as já tenho,
É p'ra servir um amigo,
Que me pedio por empenho.

Não sei se cante se chore
Para allivio d'ùma pena,
Se canto nada me esquece,
Se choro tudo me lembra.

Laranjeira de pé d'oiro
Deita raminho de prata,
Tomar-amores não custa,
O deixal-os é que mata.

O amor nasce da vista
E mora no coração,
Vive da correspondencia
E morre da ingratidão.

Sentei-me á beira do rio
Para as aguas ver correr,
Vi correr a dos meus olhos
Para mais penas eu ter.

A folha da oliveira
De amarella encar'culou;
Estavas para mim tão firme,
Meu amor quem te voltou?

Á tua porta, menina,
Está um laço de algodão,
Todos passam, ficam livres,
Só eu fico na prisão.

Muita volta dá o rio
Ao redor do amieiro;
Mais voltas dá o amor
Sendo leal, verdadeiro.

Escrevia-te uma carta,
Se tu a souberas ler,
Mas não quero que outrem saiba
O que te mando dizer.

Sé tu me quizeras bem
Da raiz do coração,
Tu me vieras fallar
Que as noites bem grandes são.

Lá no céu vae uma nuvem
Todos dizem bem a vi,
Todos fallam e murmuram
Ninguem olha para si.

Debaixo do triste cedro
Dormindo estava sonhando,
Acordei, achei-me só,
Tristes lagrimas chorando.

Debaixo do triste cedro
Não chove nem faz orvalho,
Menina, se ha de ser minha,
Não me dê tanto trabalho.

Oh ingrata se eu morrer,
Na sepultura vae pôr
Uma letra a cada canto
A—M—Ó—R amor.

Não quero nada do adro
Senão uma sepultura
Para enterrar os meus olhos
Fechados para a ventura.

Oh alto pinheiro verde
Aonde foste nascer?
Aonde não ha saudade
Tambem não ha bem querer.

Eu perdi o bem que tinha,
Não o pude restaurar;
Tenho pena, sentimento
Do meu amor me deixar.

As telhas do teu telhado
As pedras do teu balcão
Podem dizer na verdade,
Se eu te quero bem ou não.

Se eu fôra rico e feliz,
Eu fidalgo e tu ninguem,
Nada d'isso me importava
Bondava eu querer-te bem.

Não sou pedra valadia
Nem parede mal assente,
Onde puzer os meus olhos
Hei de pol-os para sempre.

Pedrinhas d'esta calçada
Levantai-vos e dizei,
Quem vos passeia de noite,
Que de dia bem eu sei.

Ausencia tem uma filha
Que tem por nome saudade,
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Adeus minha terra, adeus,
Adeus meu pae, minha mãe,
Que eu vou para terra alheia
Peça a Deus que me dê bem

No momento da partida
Meu coração te entreguei,
Quando me vem á lembrança
Como não morro não sei.

Quando comecei a amar-te
Talvez não soube o que fiz.
Quem só a paixão consulta
Raras vezes é feliz.

Eu subi á amendoeira,
Quem me ha de agora descer?
Desprezado dos teus olhos,
Quem me ha de agora querer?

Trago dentro de meu peito
Uma parede formada
De penas e de cuidados,
Aqui não disfarça nada.

Trago escondidas no peito,
Chegadas ao coração,
Duas letrinhas que dizem
Morrer, sim; deixar-te, não.

Quem me dera ser tão fino
Como o linho que fiaes,
Que vos dera tantos beijos,
Como vós no linho daes.

Quero dar as despedidas,
Quero dal-as e não posso,
Tenho o meu coração preso
Com fio d'oiro ao vosso.

Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia!
Se elles não vêem a Deus
A toda a hora do dia!

Não ha flor como o suspiro
Na minha opinião,
Todas as flores se vendem
Só os suspiros se dão.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
Quem tem amores tem zêlos,
Quem tem zêlos tem paixões.

Trago dentro do meu peito
Um cravo roxo dourado,
Regado com aguas finas,
Que eu por ti tenho chorado.

Tendes o cabello louro
Em meadas ao comprido,
Parecem meadas d'ouro
Ao martello rebatido.

Já lá vae quem eu amava,
Já lá vae quem eu queria,
Já está debaixo do chão
Já o come a terra fria.

Escrevi teu lindo nome
Na branca areia do mar,
Vieram as tristes ondas
Com teu nome navegar.

Eu pr'a ti sempre a olhar,
E tu sem nunca me veres;
Olha amor, vê a differença
Que ha entre os vossos quereres.

Tenho umá pena commigo
Que a ninguem oùso dizer,
Pois a pena que em mim tenho
Ninguem lhe póde valer.

Defronte de mim estão olhos,
Olhos que me estão matando,
Lá darás contas a Deus
Das penas que me estás dando.

Por mais que de ti me apartem
Mais, amor, eu te hei de querer,
Que o meu coração é vara,
Que ninguem póde torcer.

De encarnado veste a rosa,
De verde o majaricão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Se o meu amor te amofina
A culpa é do coração,
Se eu a ti nunca te vira
Nunca tivera paixão.

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido,
O teu vestido são pennas,
Em penas ando mettido.

Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia,
Tão triste que nem me lembro,
Se alegre fui algum dia.

Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei.
Bebi a grama ao tôjo
Até a falla mudei.

Eu esta noite sonhei
Que te estava a dar beijinhos,
Acordei, achei-me só,
Oh mal hajam os teus carinhos.

Amor com amor se paga,
Nunca vi cousa mais justa,
Paga-me comtigo mesmo,
Meu amor, pouco te custa.

Quando te vi, ó freirinha,
Encostada no mirante,
Logo o meu coração disse
Tu, freirinha, tens amante.

Eu defronte e vós á vista
Nem te vejo, nem me vêdes,
Oh mal hajam os pedreiros
Que fizeram taes paredes!

Quando comecei a amar,
Deitei sortes á ventura,
Quando me quiz retirar
Já meu mal não tinha cura.

Oh meus cuidados de noite!
Oh minha estada ao luar!
Minhas ovelhas perdidas
Onde vos irei achar?!!

Que tendes no pocarinho
Menina que tão bem cheira?
São as lagrimas do amor,
Que se vae segunda feira.

Fiz a cama na amoreira
Com tenção de madrugar,
Veio a noite, embalou-me,
Eu dormi, deixei-me estar.

Estrellas do céu baixae,
Fique o céu sem esplendor,
Fiquem os campos sem luz,
Já que eu fiquei sem amor.

Eu fui ao mar buscar lume,
Embarquei n'uma faisca,
Namorei-me dos teus olhos
Logo da primeira vista.

O sete-estrello vae alto,
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura,
Que Deus tem para me dar.

Não ha cousa n'este mundo
Como viver ao desdem,
Mostrar carinhos a todos
E não querer bem a ninguem.

Por amar deixei a Deus,
Por teu amor me perdi,
Agora vejo-me só
Sem Deus, sem amor, sem ti.

Amar como eu ninguem,
Mas sou mal afortunado,
Onde ponho o meu sentido
Acho o logar occupado.

Não ha machado que corte
A raiz ao pensamento,
Nem ha letrado, que diga
O que tenho no intento.

Fui ao jardim do teu peito
Para buscar uma flor,
Não achei amor perfeito,
Não ha perfeito amor.

Tres dias antes que eu morra
Hei de ir passear ao adro,
Para ver a sepultura,
Onde hei de ser enterrado.

Passarinho só tu podes
Com *pennas* andar cantando,
Pois eu cá não sou assim,
Com *penas* ando chorando.

Passarinho que cantaes
N'esse raminho de flores,
Cantae vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem amores

Não sei que quer a desgraça
Que atrás de mim corre tanto,
Hei de parar e mostrar-lhe,
Que de vel-a não me espanto.

Tu tens a parreira á porta
Não a sabes lagartar,
Tens defronte o teu amor
Não o sabes namorar.

Eu quero bem á desgraça
Que sempre me acompanhou,
Tenho odio á ventura,
Que bem cedo me deixou.

Se eu soubera que voando
Alcançava o meu desejo,
Depressa formava as azas
Que as *pennas* são de sobêjo.

Tenho um vestido de *pennas*
Não m'o fez um alfaiate,
Eu o talhei ao meu corpo,
Eu o levei a remate.

Meu amor diz que me ama
Inda alem da sepultura;
Tanto bem não é p'r'a mim
Não tenho tanta ventura.

Semeei no meu quintal
O que eu não quero dizer,
As sementes de teus olhos,
Não me quizeram nascer.

Semeei cravos na areia,
Diz, amor, se nascerão,
Dize-me se estão seguros
Segredos na tua mão.

O meu coração é terra,
Hei de mandal-o cavar,
E semear-lhe desejos,
Que tenho de te fallar.

De noute tudo são sombras,
Eu n'ellas te hei de fallar,
Já que de dia não posso
Fallas tuas alcançar.

Coitadinho de quem tem
Os seus amores em segredo,
Passa por elles na rua,
Não lhes falla que tem medo.

Se o céu fosse papel
E fosse tinteiro o mar,
Ainda assim não diria,
Quanto eu te posso amar.

Já o trigo está nascido,
A cevada está creada,
Só o meu coraçãosinho
De te amar nunca se enfada.

Esta fonte linda é
E d'umas aguas bem puras,
Ai! assim fossem as lagrimas
Do amor que tu me juras.

Semeaste amor perfeito,
Para ver se te nascia,
Amor perfeito é do céu,
Cousa que a terra não cria.

Eu subi ao teu sentido
Nunca tão alto me vi;
Decahi da tua graça
Não sei como não morri.

Já o meu amor dá penas,
Já tenho com que escrever,
Quantas mais penas me der
Muito mais eu lh' hei de querer.

Se eu soubera quem tu eras
Ou eu te amára ou não.
Agora não tem remedio,
É já teu meu coração.

A laranja cahiu n'agoa
Apodreceo-lhe metade,
Quem ama dois corações,
Ama um com falsidade.

O meu coração, menina,
Chora de noute na cama,
Chora que já foi amado,
Agora ninguem o ama.

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Has de achar teu nome escrito
Dentro do meu coração.

Oh ingrata tu já dormes,
Tu dormes e não suspiras,
Se tu me quizeras bem
Suspiráras não dormíras.

Os olhos requerem olhos,
Os corações corações,
Tambem as boas palavras
Requerem boas rasões.

Quem quer bem dorme na rua
Á porta do seu amor,
Das pedras faz cabeceira,
Das estrellas cobertor.

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem pena,
Logo os olhos dão signaes.

Dizem que mata o amor
Ai! quem me dera morrer;
Vale mais morrer de amores
Do que sem elles viver.

Canta, canta rouxinol
De noute á luz do luar,
Canta, canta, que o teu canto
Algum peito ha de abrandar.

Oh castello não te rendas
Deita bandeira, se queres;
No combate dos amores
Quem vence são as mulheres.

Quem tem amores na terra
Pode rir, pode folgar;
Triste de mim que os não tenho,
Passo a vida a suspirar.

Rosa branca toma côr
Não sejas tão desmaiada,
Que dizem as outras rosas
Rosa branca não és nada.

Suspiro, por quem suspiras?
Suspiros de piedade!...
Queira Deus não sejam elles
Suspiros de falsidade.

Tudo no mundo acaba,
Degenera e faz mudança;
Só para mim não acaba
A tua cara lembrança.

Passei pela tua porta
Dei um ai que nunca dera,
Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella.

Debaixo da fria campa,
Debaixo do frio chão
Acharás teu nome escrito
Dentro do meu coração.

Cancei de buscar amor
Por este e aquelle paiz,
Desesperei de ser amante,
Amando fui infeliz.

Aqui tens meu coração
Matal-o tu bem o podes
Mas vê que estás dentro d'elle,
Se o matas, tambem tu morres.

Venho de cima do muro
De fazer parede á salsa,
Mais vale uma feia firme
De que uma bonita falsa.

Namorei uma ingrata
Que tão má paga me deu,
Ninguem me falle mais n'ella,
Digam-me antes que morreu.

Já o pomar creou silvas,
Já não ha passeadores,
Já d'esta terra se foram
Os meus primeiros amores.

Oh coração praça d'armas
Cercado d'espadas nuas!
Quem me trouxe a esta terra
Foram as saudades tuas.

Estes primeiros amores
Que no mundo toma a gente,
Não sei que doçura tem
Que duram eternamente.

Quando o rouxinol padece,
Uma ave tão pequena,
Que fará meu coração,
Coberto de tanta pena!

A laranjeira do adro
Tem a folhinha aos anneis;
Por amor d'uma menina
Padeço penas crueis.

Os teus olhos matadores
Roubaram meu coração.
Se a possuil-os não chego,
Eu morro d'uma paixão.

Os meus olhos são dois pretos
Que me vieram de fóra,
Inda não eram captivos,
Captivei-os eu agora.

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça têem,
Já os tenho reprehendido
Que não chorem por ninguem.

És vermelha como a rosa
E branca como a geada,
Linda como a estrella d'alva,
Que nasce de madrugada.

Eu não sei de que é formado
O terno coração meu;
Todos amam mais ou menos,
Ninguem ama como eu.

Gasta o tempo a pedra dura
O ferro e bronze tambem,
Mas só eu gastar não posso
A lembrança do meu bem.

O rouxinol de enraivado
Arranca pennas com o bico;
Assim faz o meu amor
Quando se vae e eu fico.

Eu nasci sem coração
Sendo com elle gerado,
Antes de eu vir ao mundo
Já tu m'o tinhas roubado.

Nunca pensei que chegasse
A ser como o passarinho,
Todo coberto de pennas,
Miseravel, coitadinho!

Já fui ás minas do oiro,
Dos crystaes e diamantes,
Tenho visto muita estrella,
Teus olhos são mais brilhantes.

Apanhei murta que é dor
Da manjerona fiz mólhos,
P'r'a te ver torço caminho,
Feiticeira dos meus olhos.

Eu amei, fui desgraçado,
Jurei nunca mais amar;
Os teus olhos me fizeram
O juramento quebrar.

Se as lagrimas fossem pedras
Que eu por ti tenho chorado,
Mandára fazer um forte
No meio do mar sagrado.

A salsa subiu ao muro,
A hortelã ao pé fica.
Não sei que amor é o teu
Que tanto me mortifica.

No principio do meu mundo
Fui lavrador largos annos,
Semeei muitos carinhos
Apanhei só desenganos.

Eu vendo o meu coração
Bem barato, na verdade,
E não ha quem lance n'elle
Um real de lealdade!

As ondas do mar são verdes,
Na terra tudo é verdura;
Todos logram seus amores,
Só eu não tenho ventura.

Por os teus olhos eu dera
Estes tristes olhos meus,
Eu não vi na minha vida
Olhos lindos como os teus.

Acipreste verde triste
Copia da minha ventura,
Verde qual minha esperança,
Triste qual minha figura.

Encarnado luz ao longe
O branco de noite alveja,
O meu coração, menina,
Ao pé do seu se deseja.

A silva que me prendeu
Mora n'aquelle vallado,
Nunca porta me fechou
Com tão forte cadeado.

Quando eu não te conhecia
Eu nada d'isso me dava,
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.

Esta noite sonhei eu
Que tu morrias, meu bem,
Acordei, pedi a Deus,
Que me levasse tambem,

Altas torres abaixae,
Não queiraes tanto subir,
Quem altos amores toma,
Em baixo vem a cahir.

Oh limão, verde limão
Que brilhas no limoeiro,
Não ha flor como a rosa,
Nem amor como o primeiro.

Tenho dentro do meu peito
Dois navios carregados,
Um é de penas bem duras,
Outro de varios cuidados.

Ninguem descubra o seu peito
Por maior que seja a pena;
Quem o seu peito descobre
A si mesmo se condemna.

Se eu morrêra no baptismo
Feliz era a minha sorte,
Não ouvia nem dizia
Nem arreceava a morte.

Amanhã por estas horas
Aonde estará meu corpo?
Ou aqui ou n'outra terra
Ou na sepultura morto.

A silva tem mil piquinhos
Mil agarros, com que prende,
Não diga que sabe pouco
Quem do amor se defende.

Oh alecrim, rei das hervas
Já meu peito foi teu vaso;
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Silva verde não me prendas,
Que eu não tenho quem me solte
Não queiras ser, silva verde,
A causa da minha morte.

No momento da partida
Meu coração te entreguei,
Sem elle, sem ti, sem ver-te
Como não morro não sei.

Na campa em que me enterrar
Eu heide deixar um mote,
—Aqui jaz quem te adorou
Firme sempre até á morte.

Olhos pretos roubadores,
Porque vos não confessaes
Dos delictos que fazeis,
Dos corações que roubaes.

Mal os meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Os teus olhos são cadeias,
Minh'alma presa ficou.

Do meu coração ao teu
Vae uma grossa cadeia
Toda cheia de suspiros,
Toda de suspiros cheia.

O que o vento é para o fogo,
É ausencia para amor,
Se é pequeno apaga-o logo,
Se é grande fal-o maior.

Já não tenho pae nem mãe,
Nem n'esta terra parentes,
Sou filho das tristes hervas,
Neto das aguas correntes.

Os meus olhos não são olhos
Sem estarem os teus defronte,
São dois rios caudalosos
Quando vão de monte a monte.

Antes que o lume se apague
Na cinza fica o calor.
Antes que o amor se ausente
No coração fica a dor.

Os meus olhos de chorar
Fizeram covas no chão,
Cousa que os teus nunca fazem,
Não fizeram nem farão.

Eu não sei que sympathia
Minh'alma comtigo tem,
Que ausente da tua vista
Nada me parece bem.

Eu despedi-me de ti
Da janella do navio,
As lagrimas eram tantas...
De eu chorar cresceu o rio.

Passarinhos que cantaes
Nos ramos dependurados,
Cantae vós, chorarei eu
Os meus dias desgraçados.

Não quizestes ser *perpetua*
Sendo eu *amor perfeito*,
Quizestes ser *malmequer*,
Martyrio d'este meu peito.

Quem com lagrimas podera
Desligar-te do meu peito!
Mas com lagrimas não posso
Desligar o que está feito.

Oh olhos da minha cara
Não olheis para ninguem,
Já que perdestes a graça,
Perdei a vista tambem.

Semearam os teus olhos
No interior do meu peito
Suspiros, que produziram
Saudade e amor perfeito.

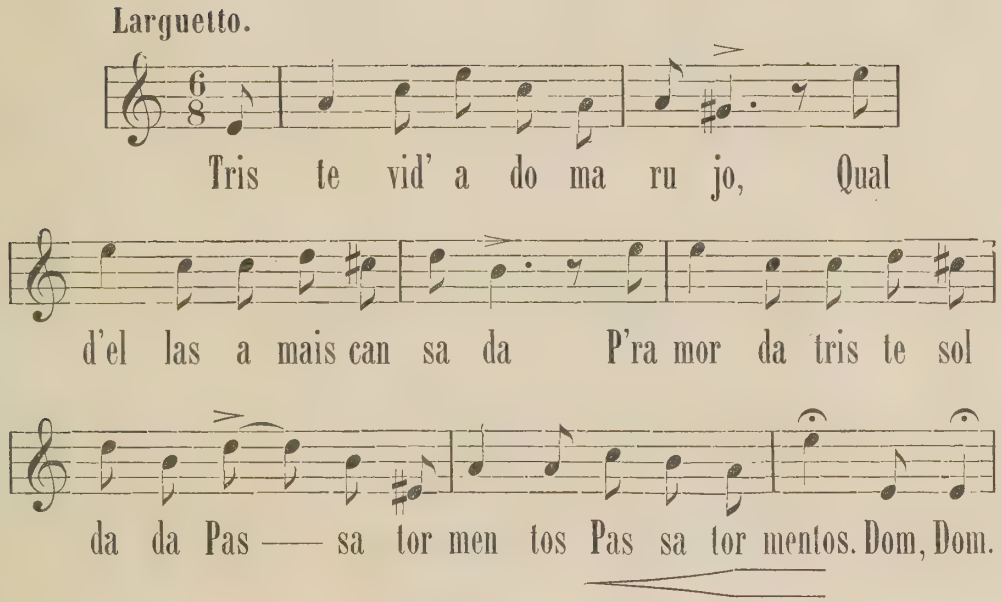
Atraz das tuas passadas
Meus olhos cançados vão,
Como os soldados na guerra
Atraz do seu capitão.

Perguntae ao sol se vio,
Á lua se conheceu,
Ás estrellas se encontraram
Amor firme como o meu.

Ai! chorae olhos, chorae,
Que o chorar não é desprezo,
Tambem a Virgem chorou
Quando vio o filho preso.

Das lagrimas faço contas,
Com que eu rezo ás escuras;
Oh morte que tanto tardas!
Oh vida que tanto duras!

O MARUJO



Triste vida a do marujo,
Qual d'ellas a mais cansada;
P'r'amor da triste soldada
Passa tormentos! (bis) Dom, dom.

Andar á chuva e aos ventos
Quer de verão, quer de inverno;
Parecem o proprio inférno
As tempestades!

As nossas necessidades
Obrigam a navegar,
E a passar tempos no mar,
E aguaceiros.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cozinhar;
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida!

Arrenego de tal vida,
Que nos dá tanta canseira!
Sem a nossa bebedeira
Nós não passâmos!

Quando socegados estamos
No rancho a descansar,
Então é que se ouve gritar:
Oh leva arriba!

O mestre logo se estriba,
Bradando d'esta maneira:
«Moços, ferra a cevadeira
E o joanete.»

Tambem dá o seu falsete,
Não podendo mais gritar:
«Cada qual ao seu logar
Até ver isto!»

Mais me valêra ser visto
Á porta d'um botequim,
Do que ver agora o fim
Da minha vida!

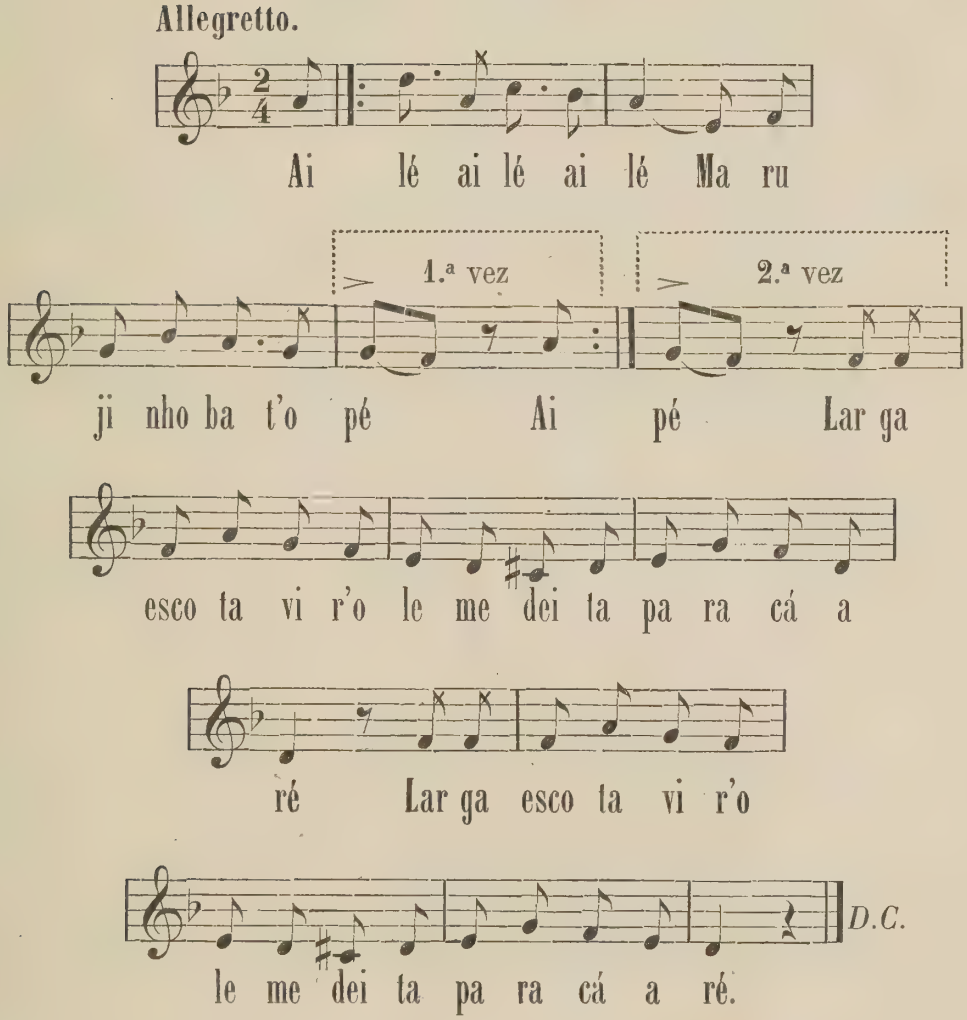
Quando parece comprida
A noite p'ra descansar,
Então é que ouço tocar
Certa matraca.

O somno logo se atraca,
Meu coração logo treme,
Em cuidar que hei de ir ao leme
Estar duas horas.

Lembram-me certas senhoras,
Com quem eu tratei em terra,
Que me estão fazendo guerra
Ao meu dinheiro.

Foi um velho marinheiro,
Que inventou esta cantiga;
Embarcado toda a vida
Sem ter dinheiro.

MARUJINHO



Ai lé, ai lé, ai lé,
Marujinho bate o pé,
Larga a escôta, virá o leme,
Deita para cá a ré.

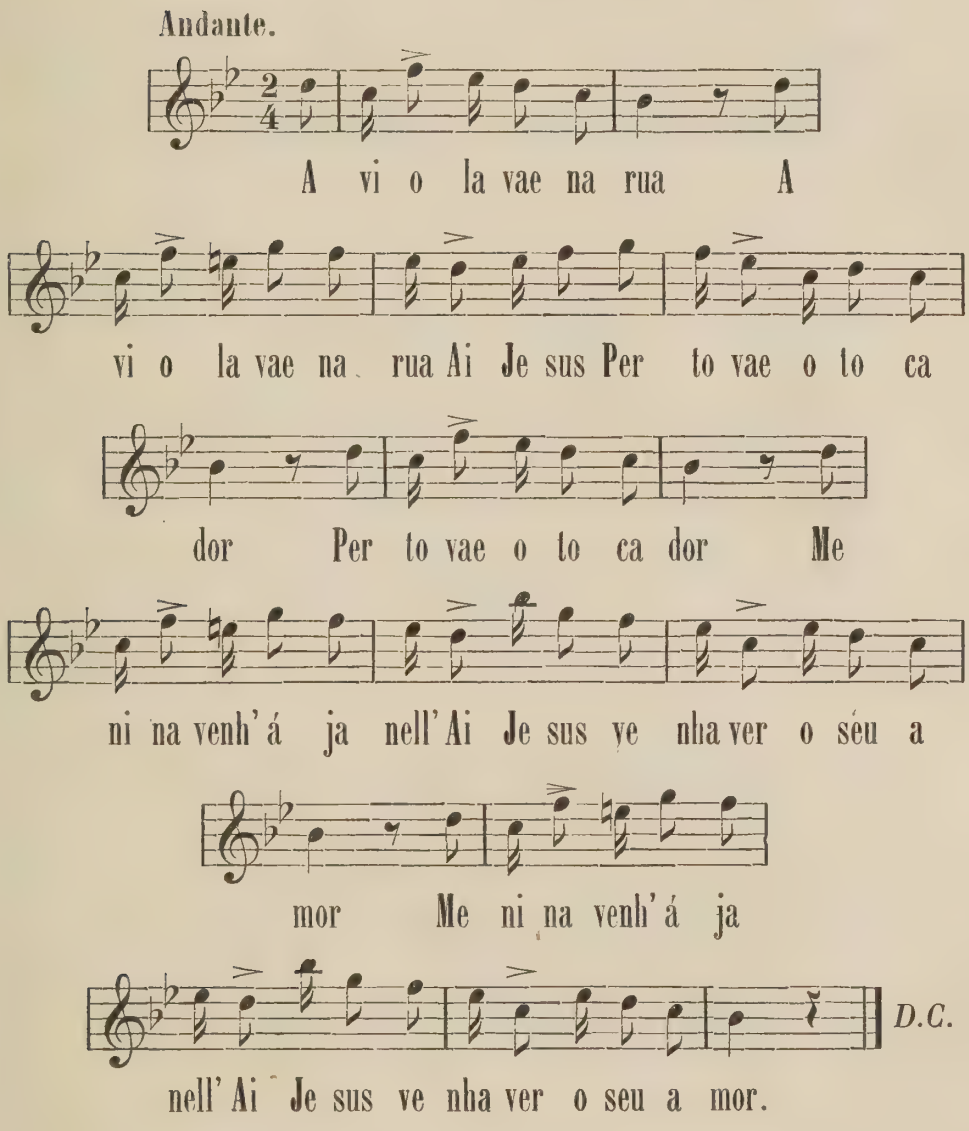
A vida do marinheiro
É vida de mil diabos,
Passa o dia, passa a noite
Sempre mettido entre cabos.

Ai lé, ai lé, ai lé,
Marujinho bate o pé,
Larga a escôta, vira o leme,
Vira para cá a ré.

Se fores ao mar lá fóra
Não me leves no cuidado,
Deita-te á sombra da véla,
Dorme um somno descansado.

Ai lé, ai lé, ai lé,
.....

O LONDUM DA FIGUEIRA



A viola vae na rua,
Perto vae o tocador,
Menina venha á janella,
Venha ouvir o seu amor.

Oh meninas da Figueira
Acudam ao Cabedello,
Deu um navio á costa
Com enfeites p'ra o cabello.

Marinheiro do mar largo,
Volta atrás que vaes perdido,
Essa moça que ahi levas
É casada, tem marido.

O amor, quando se encontra,
Causa pena e causa gosto,
Sobresalta o coração
E assobe a côr ao rosto.

Na janella aonde eu coso
Tenho um mangericão,
Dá-lhe o sol por entre as folhas,
Fico n'uma escuridão.

Á sombra da laranjeira
Está o meu bem a chorar;
Mais vale não prometter,
Que prometter e faltar.

Quem me dera, oh menina,
Á tua porta morar,
Mas ai! o mundo murmura,
É preciso disfarçar.

Vem cá tu, meu goivo roxo,
Creado na goivaria,
Quem quer bem chama por tu,
Amor não quer senhoria.

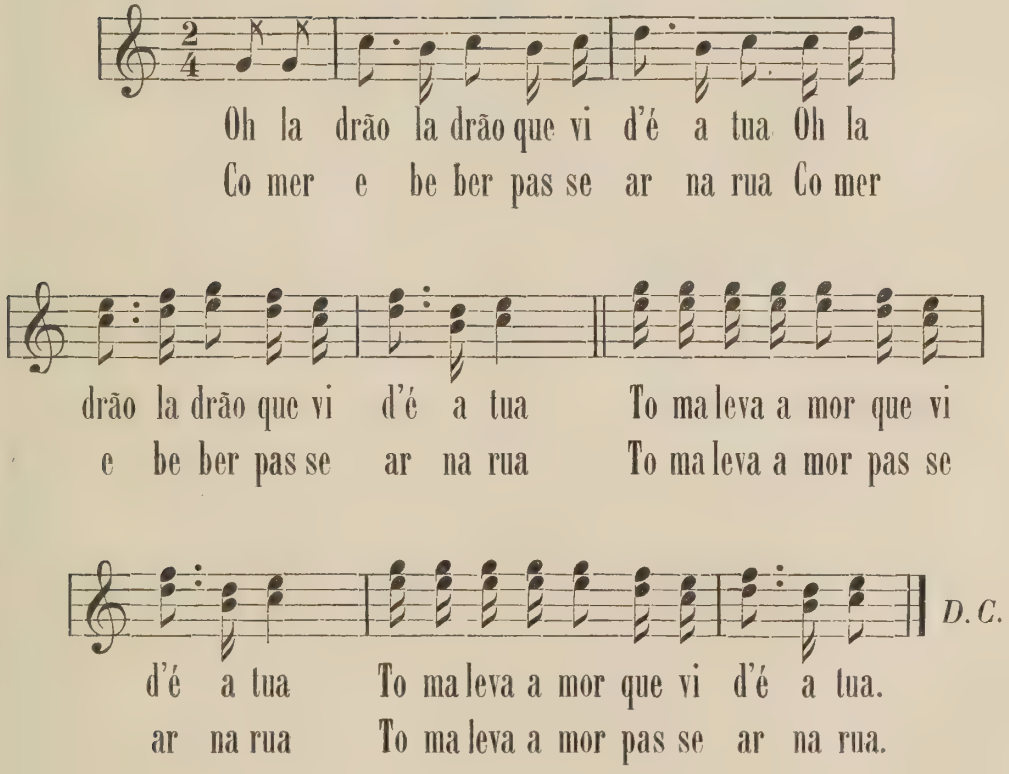
Já te disse, meu amor,
Quem ama que aperta a mão,
Sempre foste e has de ser
Prenda do meu coração.

Atirei á pera parda
Acertei na de baguim;
Todas as penas acabam,
Só as minhas não tem fim.

Os meus olhos já não olham
Para quem olhavam d'antes,
Vão pela rua quietos,
Parecem dois diamantes.

OH LADRÃO

Andante.



Oh ladrão, ladrão
Que vida é a tua!
Comer e beber,
Passear na rua.

O ladrão, ladrão,
Já lá vae p'r'o Pio,
No meio do caminho
Deu um assobio.

Oh ladrão, ladrão,
Que vida é a tua!
Comer e beber,
Passear na rua.

OH ELVAS. OH ELVAS

(Canta-se com a mesma musica do **Oh Ladrão**)

Á entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Logo fui dar parte
Ao meu general.

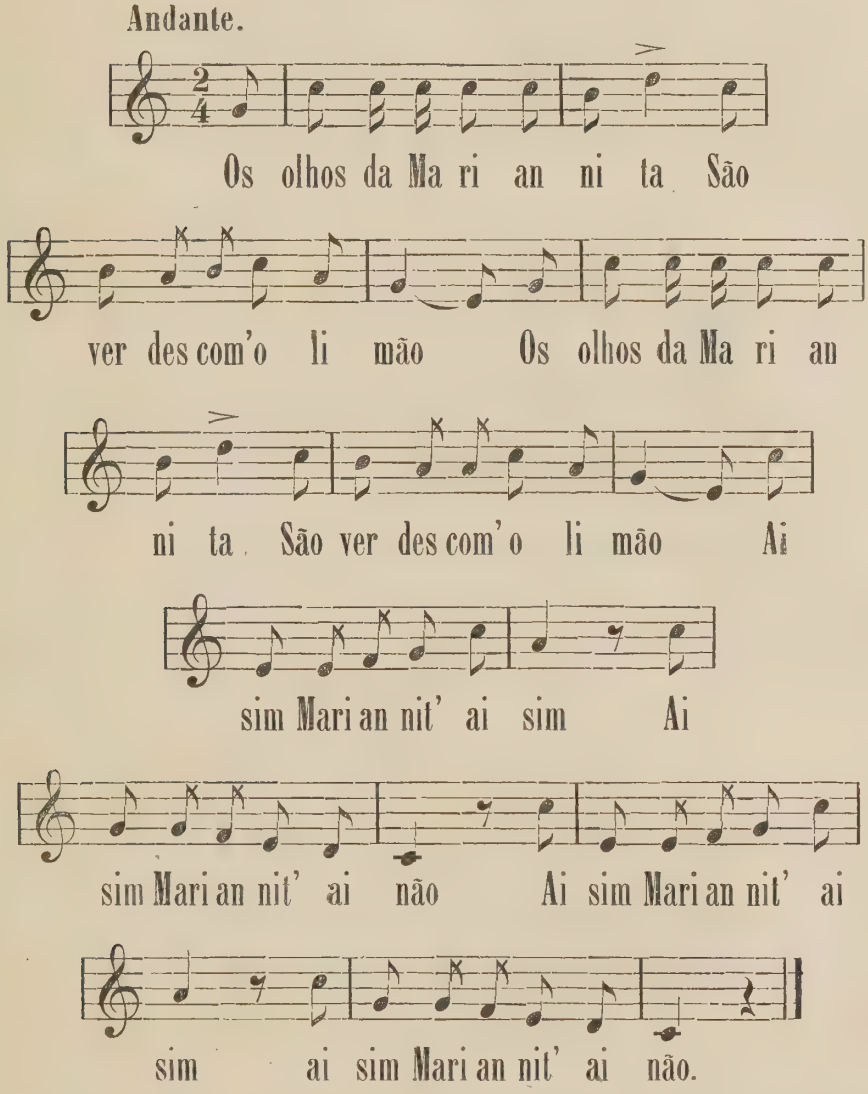
Á entrada d'Elvas
Achei um annel,
Logo fui dar parte
Ao meu coronel.

Oh Elvas, oh Elvas,
Já lá estive dentro,
Meu amor cá fóra
Passando tormento.

Oh Elvas, oh Elvas,
Badajoz á vista,
Já não faz milagres
São João Baptista.

Se fores a Elvas,
Vae de vagarinho,
Repara não cáias
Lá pelo caminho.

OS OLHOS DA MARIANNITA



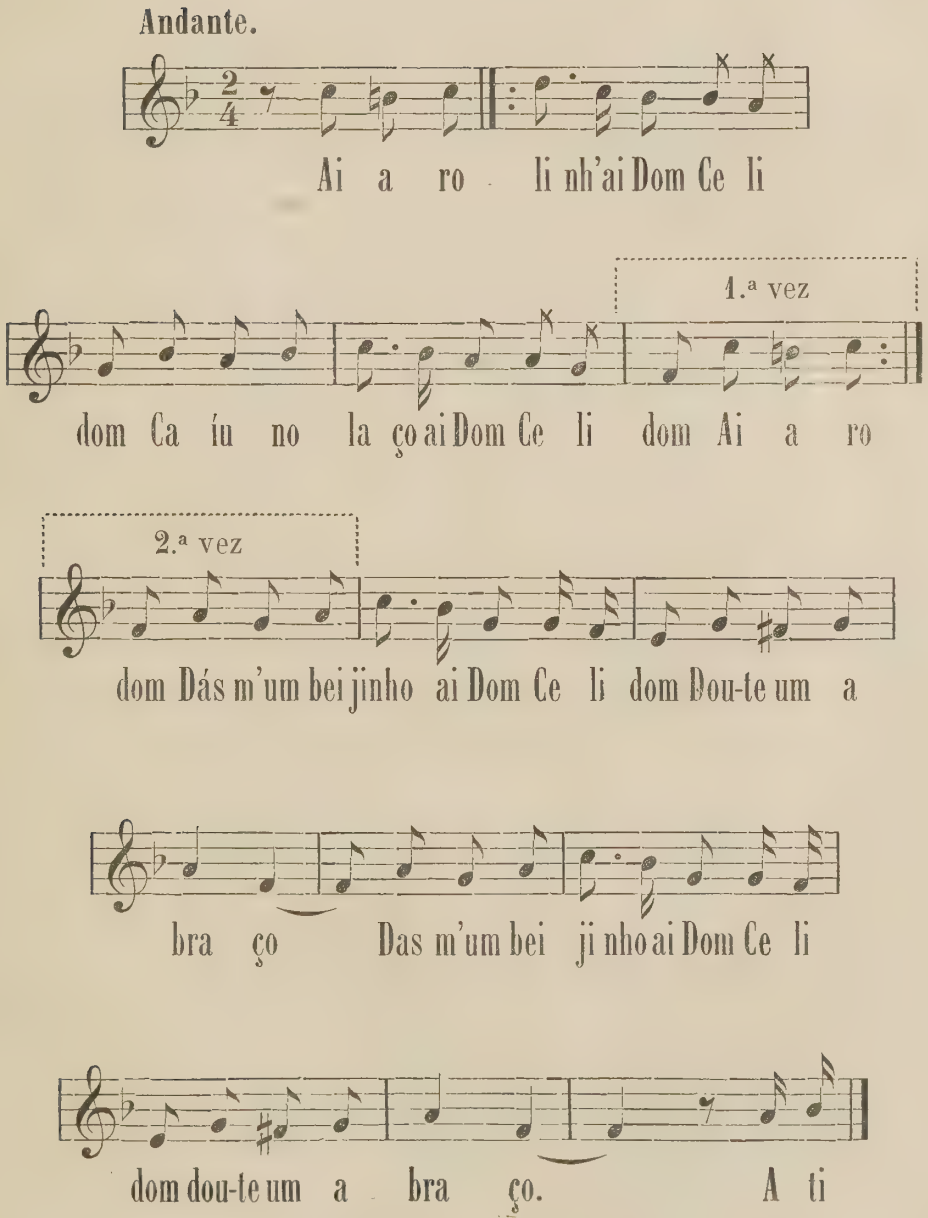
Os olhos da Mariannita
São verdes como um limão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

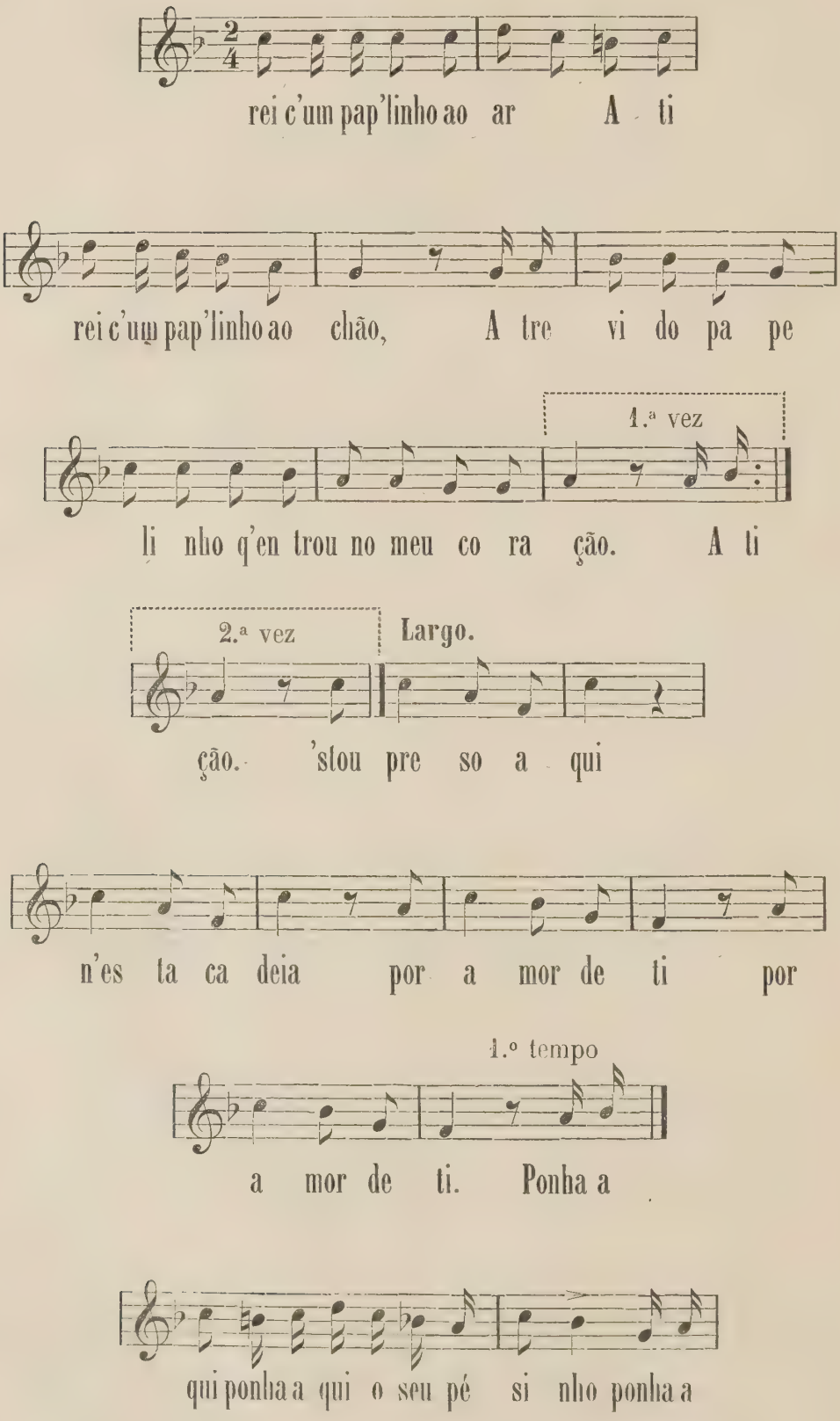
Os olhos da Mariannita
Tenho-os eu aqui na mão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

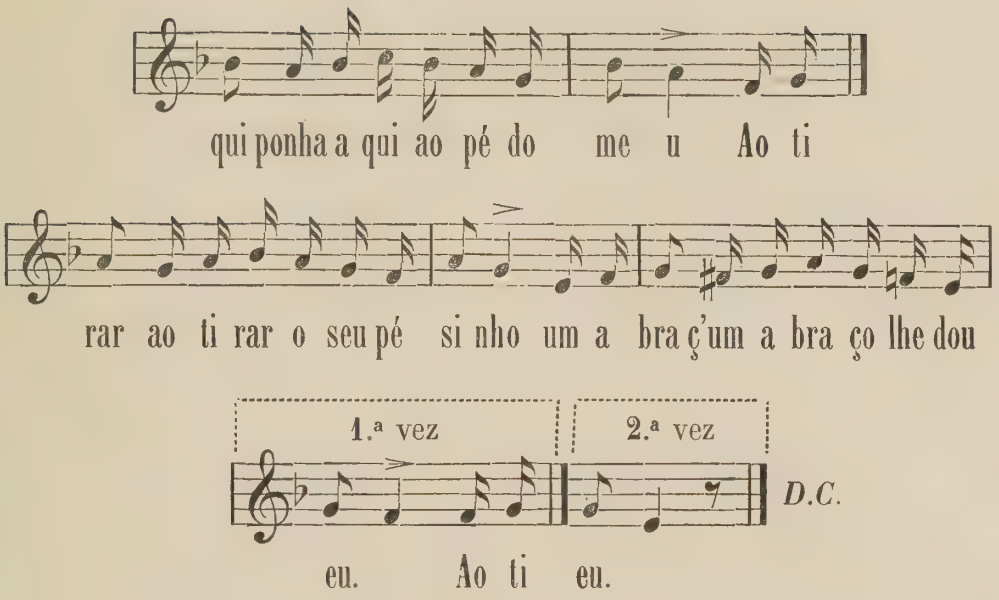
Os olhos da Mariannita
Já lá vão para o Japão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

Os olhos da Mariannita
São verdes como um limão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

A ROLINHA


Andante.
Ai a ro li nh'ai Dom Ce li
1.ª vez
dom Ca íu no la ço ai Dom Ce li dom Ai a ro
2.ª vez
dom Dás m'um bei jinho ai Dom Ce li dom Dou-te um a
bra ço Das m'um bei ji nho ai Dom Ce li
dom dou-te um a bra ço. A ti


rei c'um pap'linho ao ar A ti
rei c'um pap'linho ao chão, A tre vi do pa pe
1.ª vez
li nho q'en trou no meu co ra ção. A ti
2.ª vez
Largo.
ção. 'stou pre so a qui
n'es ta ca deia por a mor de ti por
1.º tempo
a mor de ti. Ponha a
qui ponha a qui o seu pé si nho ponha a



Ai! a rolinha,
Ai! Dom Celidon,
Caíu no laço,
Ai! Dom Celidon,
Dá-me um beijinho,
Ai! Dom Celidon,
Dou-te um abraço.

Estou preso aqui,
N'esta cadeia,
P'r'amor de ti,
P'r'amor de ti.

Ponha aqui, ponha aqui o seu pésinho,
Ponha aqui, ponha aqui ao pé do meu,
bis { Ao tirar, ao tirar o seu pésinho,
Um abraço, um abraço lhe dou eu.

Atirei a penna ao ar
Caíu no chão, fez um I,
Ande lá por onde andar
Nunca me esqueço de ti.

Atirei a penna ao ar
Caíu no chão, fez um S,
Ande lá por onde andar
Nunca o meu amor se esquece.

Chamaste ao meu cabello
Cannavial de Cupido,
Tambem eu chamei ao teu
Laços que me tem prendido.

Essas tuas mãos de neve,
Quando nas minhas pousaram,
Ai! deviam ter feitiços,
Que logo me enfeitiçaram.

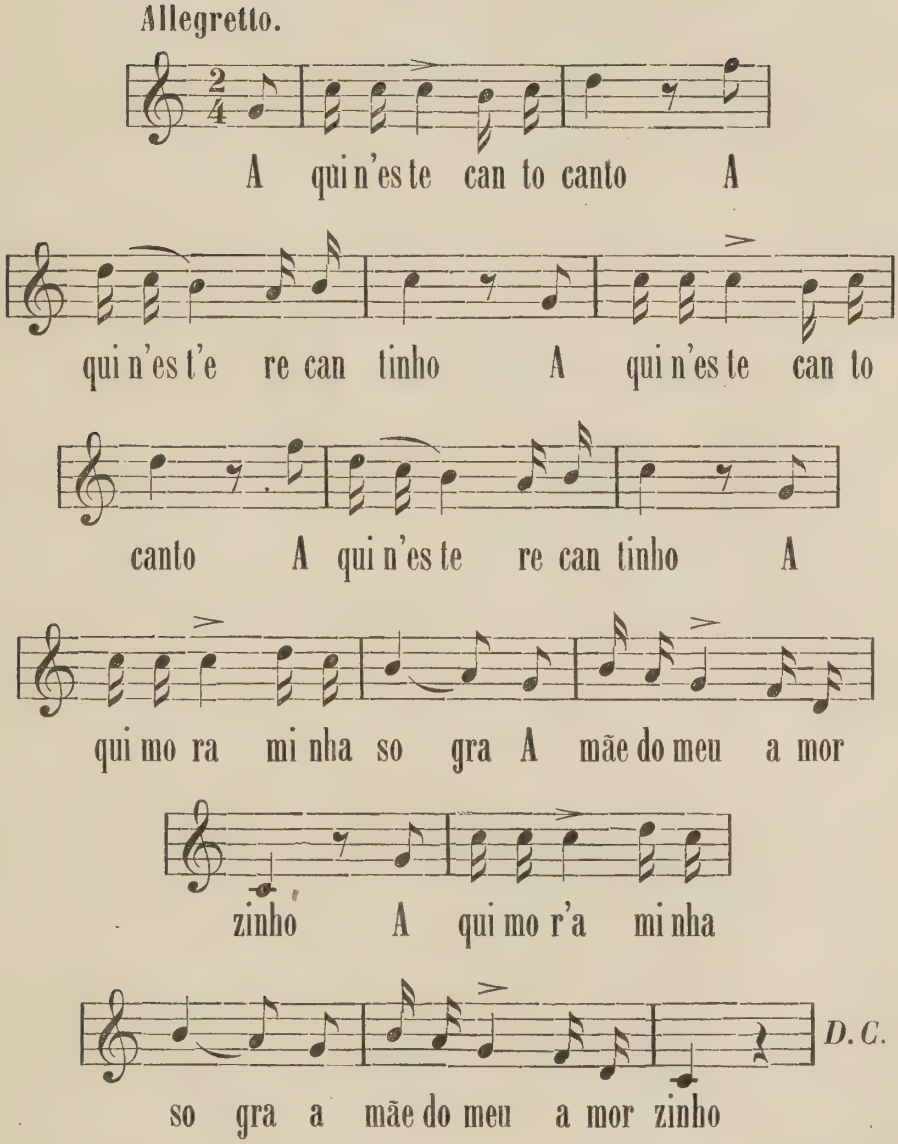
Oh meu amor ama, ama,
Mette raiva a quem a tem;
Quanto mais o mundo falla
Inda mais te quero bem.

Salsa da beira do rio,
De secca te estás torcendo;
Ai tambem o meu amor,
De falso me está vendendo.

Roubei-te beijos, não digas
A ninguem que fui ladrão;
Foi sómente um roubo d'alma,
Que guardei no coração.

Dentro do quarto, que habitó,
Andam as *pennas* voando,
Tantas são as que padeço,
Que as disfarço cantando.

O FADO



Aqui n'este canto canto,
Aqui n'este recantinho,
Aqui mora minha sogra
A mãe do meu amorzinho.

Aqui te venho cantar
Á tua porta da sala,
Se estás a dormir acorda,
Se estás acordada falla.

Esta noite sonhei eu
Comtigo, minha belleza,
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza.

O cravo por sympathia
Á linda rosa se uniu,
Foram laços tão ditosos
Que amor perfeito saíu.

Puz-me a contar as estrellas
Só a do norte deixei,
Por ser a mais pequenina
Comtigo a comparei.

As estrellas do céu correm
Todas n'uma carreirinha,
Tambem da tua mão correm
Os teus amores para a minha.

Erva cidreira dos montes
É regalo dos pastores,
Deitam o gado a ella,
E vão ver os seus amores.

Eu gosto de ver dansar
Quem tem a saia rasteira,
Põe o pé firme no chão,
Não alevanta poeira.

Ai la ri ló lé,
Como vae contente,
Ponha a mão na trança,
Não lhe caia o pente.

A maçã do acipreste
É dura, não amollece;
É como o amor dos homens,
Triste de quem os conhece.

Antonio, lindo Antonio,
Antonio, lindo de certo,
Tu és o mais lindo cravo,
Que o craveiro tem aberto.

Antonio, lindo Antonio,
Meu espelho de vestir,
Quem toma amores com Antonio
Vae ao céu e torna a vir.

Menina não seja varia,
Reprehenda o seu pensamento,
Olhe que o amor dos homens
Dura muito pouco tempo.

O amor que passa d'anno,
Deixa-lo não é rasão,
Ha tempo de ter creado
Raizes no coração.

Vá de roda quem mais ama,
Quem mais quer ao seu bemzinho,
Quem mais ama, mais padece,
Eu hei de amar poucochinho.

Quem diz ser de gala o preto
Entende pouco de cores,
Eu amei dois olhos pretos,
Ambos me foram traidores.

Oh meu querido Sant'Antonio
Vestidinho de estamenha!
A quem Deus quer ajudar,
O vento lhe ajunta a lenha.

A tola da silva chora
Lagrimas a tres e tres,
Namorei-me dos teus olhos
Logo da primeira vez.

Eu venho do meu jardim
De apanhar mercuriaes,
Por mais que a riqueza valha
Inda a honra vale mais.

Theresinha, cacho de uva,
Oh quem te depenicára
De baguinho em baguinho,
Nem um bago te deixára.

As telhas do teu telhado
Todas ellas tem virtude,
Eu vim para aqui doente,
Agora tenho saude.

Se eu soubera quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Eu te jurára de certo
D'outros amores não ter.

O diabo leve os homens
Enfiados n'um cordel,
O primeiro seja Antonio,
O segundo Manuel,
O terceiro Josésinho
Por ser o mais bachàrel.

O remate da cantiga
—Foi á fonte logo vem;
A cantiga sem remate
Graça nenhuma não tem.

O cantarinho quebrou-se
Á porta dos namorados,
Puz-me a apanhar os caquinhos,
Como quem apanha cravos.

Só tu, meu amor, só tu,
Só tu tiveste a dita,
De entrar no meu coração,
N'uma sala tão bonita.

Janella de pau de pinho
Por minha causa te abriste,
Torna a fechar-te, janella,
Faze, amor, que me não viste.

O meu chapéu do domingo
Já o trago á semana;
O amor, que te eu tinha,
Já o trago n'outra banda.

Toma lá, meu coração,
Retalha-o como o pepino,
Dentro d'elle has de achar
Mil saudades de contin'o.

O annel, que tu me deste,
Francisquinho da Trindade,
Era-me largo no dedo,
Apertava-me a vontade.

Eu amava-te, oh menina,
Se não fôra um senão,
Seres pia d'agua benta,
Onde todos põem a mão.

Fui ao jardim passear,
Achei a porta fechada,
Encontrei o meu amor,
Que era a flor que eu buscava.

Eu fui o pau mais vadio,
Que na brenha fui creado,
Eu subi grandes alturas,
E nunca fui esgalhado.

Mangerona bate á porta,
Alecrim vae ver quem é,
Se é o cravo, se é a rosa,
Se é o meu amor José.

Só tu, meu amor, só tu,
Só tu tens a liberdade
De entrares n'este meu peito,
Sem fechadura nem chave.

Já fui cravo, já fui rosa,
Já estive no alegrete,
Agora estou no teu peito,
Servindo de ramilhete.

Tu és alva como a neve,
Corada como um medronho,
Tu és uma feiticeira,
Com quem eu de noite sonho.

Oh luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo,
Estou á porta de quem ámo,
E não posso entrar comtigo.

Oh luar da meia noite,
Não venhas cá ao serão,
Isto de quem tem amores
Quer escuro, luar não.

Algum dia era eu
Amor do teu coração,
Agora sou a vassoura,
Com que tu varres o chão.

Ai la ri ló lé,
Olha a minha vida,
Olha a solidão
Em que estou mettida!

Candeia de quatro luzes,
Que alumia aos quatro cantos,
Mal empregada menina
Ser namorada de tantos.

Olhos pretos bonitinhos,
Ai! mal haja quem vos ama,
Com outros passaes o tempo,
Commigo tendes a fama.

Fui ao campo passear,
Apanhei dois passarinhos
Para dar a uma menina
Por abraços e beijinhos.

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor,
Que á força de rogos vem.

A perdiz anda no monte,
O perdigão no vallado,
Diga-me, oh minha menina,
Quem é o seu namorado.

Quando a pedra nadar,
E a cortiça for ao fundo,
Então se hão de acabar
As murmurações do mundo.

Eu fui ao mato á lenha,
Apanhei a flor ao tojo,
Se algum dia te quiz bem,
Agora mettes-me nojo.

Fui despedir-me do rio,
Das pedrinhas de lavar,
Só de ti, minha menina,
Eu me não posso apartar.

Cada vez que vou á missa,
Ao tomar a agua benta,
Logo olho, e se te vejo,
Algum peccado me tenta.

Vós sois alto, sois altivo,
Em tudo sois meu amor,
Sois alto na formosura,
Altivo no esplendor.

Tendes o cravo na bôca
Com a raiz na garganta,
Quem vo-lo tirára á beijos
Á hora que o gallo canta!

Mal haja quem inventou
De andarem no mar navios,
Que esse foi o causador
De meus olhos serem rios.

O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes a Deus altura,
Os homens a liberdade,
As mulheres a formosura.

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem atrevido,
Sonhei que tinha na cama
A fôrma do teu vestido.

Acipreste florido
É cousa que nunca vi;
Não me percas do sentido,
Que eu 'inda te não perdi.

Não quero que me dês nada,
Que eu a ti nada te dou,
Quero que me sejas firme,
Que eu a ti leal te sou.

Este ranchinho é o nosso,
Hei de manda-lo cercar
Com fio d'oiro á roda,
De prata póde quebrar.

Entre pedras e pedrinhas
Nasceu a raiz á salsa,
Vive tu antes na aldeia,
Deixa a cidade que é falsa.

Tenho á minha janella
O que tu não tens á tua
Mangericão orvalhado,
Que dá cheiro em toda a rua.

Caíu da minha janella
Um lirio roxo, meu bem,
Tambem cáe n'uma desgraça
Quem muito juizo tem.

Olhos pretos, olhos verdes,
Olhos azues lisonjeiros;
Olhos pretos castanhados
São os leaes verdadeiros.

Esta rua não tem nome,
Quero-lh'o agora pôr,
É a rua das flores,
Onde mora o meu amor.

Toma lá colchete d'oiro,
Aperta o teu colletinho,
Coração, que é de nós ambos,
Deve andar apertadinho.

Ai la ri ló lé,
Ai la ri ló ló,
Vá de vagarinho
Que alevanta o pó.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem,
Estás mimosa, regalada,
Á sombra da tua mãe.

Se tu queres e eu quero,
Que nos importam parentes?
Isto é um mez ou dois,
Que andâmos indifferentes.

Quando eu quiz, não quizeste,
Usaste de opinião,
Agora queres, e não quero,
Amore não faltarão.

Oh acypreste dos valles,
Retiro dos passarinhos;
A quem deste os abraços,
Dá-lhe tambem os beijinhos.

José quero, José amo,
José trago no sentido,
Por amor de ti, José,
O somno trago perdido.

Eu defronte e vós á vista,
Nem fallo nem vós fallaes;
Dae-me um acêno d'olhos,
Já que não póde ser mais.

Mandaste-me aqui vir ter
Ao pé do pinheiro manso;
Eu vim e tu não vieste,
Olha, amor, o teu descanso.

Da minha janella á tua,
Do meu coração ao teu,
Vae uma ribeira d'agua,
O navegante sou eu.

Ai la ri lo lé
Como vae bonita,
Ponha a mão na trança
Não lhe cáia a fita.

Mal empregada fui eu,
Ferreiro, na tua mão;
Era branca, fiz-me negra
D'andar ao pé do carvão.

O meu amor foi-se embora
Sem se despedir de mim,
O mar se faça em rosas,
O navio n'um jasmim,

O mastro n'uma açucena
Para se lembrar de mim.

O annel, que tu me deste,
Trago-o no dedo mendinho;
Toda a vez que tu me lembras
Dou no annel um beijinho.

O annel, que tu me deste,
Anda-me aos saltos no dedo;
Se tu me quizeras bem,
O annel estivera quedo.

Se eu quizera bem podera
Fazer o dia maior,
Dar um nó na fita verde,
E fazer parar o sol.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil cores;
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores!

Namorados, fallae baixo
Que as paredes tem ouvidos;
Os amores encobertos
É que são os mais queridos.

Da minha porta p'ra tua
É o salto d'uma cobra;
Ainda espero chamar
Á tua mãe minha sogra.

Oh pinheiral da Bemposta,
Bem posta tendes a rama;
Por amor d'uma menina
Nem durmo nem faço cama.

Minha mãe p'ra me casar
Prometteu-me quanto tinha,
Quando foi a dar o dote,
Deu-me uma agulha sem linha.

Tenho corrido mil terras,
Mil terras tenho corrido,
Muito cão me tem ladrado,
Mas nenhum me tem mordido.

Oh menina da janella
Deite a cabeça p'ra rua,
Servirá d'estrella d'alva
Depois de acabar a lua.

Tu és sombra e eu sou sol,
Qual de nós será mais querido?
Sombra de verão é regalo,
Sol d'inverno appetecido.

Oh estrella matutina,
Que andas no mais alto grau,
Andas mais alto que a lua,
Até ao sol dás quinau.

Eu hei de mandar fazer,
Que eu não posso fazer tudo,
Um caixão de paciencia
Para viver n'este mundo.

O cantar é dom dos anjos,
O bailar dos namorados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza dos casados.

Se eu quizera amores
Tinha mais d'um cento,
Raparigas novas,
Cabeças de vento.

Tomaste amores com outra,
E queres ter amor commigo!
Tu queres partir o amor,
Eu não quero amor partido.

Oh coração, oh pombinha,
Oh azas da primavera!
Se eu de ti morrer ausente,
Não m'ha de comer a terra.

Chamaste-me Theadora
Diante de tanta gente...
Agora me fica o nome
Te adora para sempre.

O pintor que pintou Anna,
Tambem pintou Leonor;
Anna ficou mais bonita,
A culpa foi do pintor.

O annel que tu me deste
Era de vidro, quebrou-se;
O amor que tu me tinhas,
Era pouco, acabou-se.

Milho verde, milho verde,
Milho da folha miuda;
Á sombra do milho verde
Namorei uma viuva.

Tu, amor, sempre a cantar,
Com cantigas se namora,
Oh, minha mãe, venha ouvir,
O cantar de sua nora.

Quando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça,
Então amarei teus olhos,
Se me não der a preguiça.

Sou maltez examinado
Creado na formatura,
Na ponta do meu cajado
Trago a tua sepultura.

Lá te mandei um raminho
De murta, meu cavalleiro,
Atadinho com lisonja,
Que o retroz custa dinheiro.

Oh coração retrahido,
Oh cara cheia de enganos,
Olha a paga, que me deste
De t'eu amar tantos annos!

Se passares pelo adro,
Tira o chapéu, resa á cruz,
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

O meu amor é soldado
Da terceira companhia,
São os olhos mais bonitos
Que vão á missa do dia.

Se eu cantar tão bem soubera,
Como sei fazer cantigas,
Fazia chorar as pedras,
Quanto mais as raparigas!

Adeus oh Castello Branco,
Para mim castello negro;
O meu amor é soldado,
Anda a cumprir seu degredo.

Não me atires com pedrinhas
Que estou a lavar a louça;
Atira-me com beijinhos,
Cousa que meu pae não ouça.

Anda cá, meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol,
Quanto mais preto mais firme,
Quanto mais firme melhor.

Se fores domingo á missa,
Põe-te em parte que eu te veja,
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem namora,
Mais padece quem não vê
Seu bemsinho a toda a hora.

Fui ao mar p'ra ver as ondas,
Ao jardim p'ra ver as flores,
Ao céu p'ra ver as estrellas,
Aqui p'ra ver meus amores.

Ai la ri, la ri ló lé
Ai la ri ló lé brinquinho,
Faça da bôca pistola,
Atire-me cá um beijinho.

Ai que lindos olhos
Tem a padeirinha!
É mal empregada,
Andar á farinha.

Quem me dera ver meu bem
Trinta dias cada mez;
Sete dias na semana,
Cada instante uma vez.

Se ouvires assobiar
Não cuides que é caçador,
Anda agora uma moda
De assobiar ao amor.

Camarada, resa o credo,
Que vaes para a sepultura,
Leva os ferros afiados
Que has de achar a terra dura.

Inda eu agora reparo
Em quem anda no terreiro,
Anda o cravo mais a rosa,
Anda o ramilhete inteiro.

Eu tenho cinco namoros
Dois de manhã, dois de tarde,
A todos elles eu minto
Só a ti fallo verdade.

Amores, amores
Como eu tenho tido!
Agora já não,
Que me tem morrido.

Eu hei de amar uma pedra,
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem rasão.

Menina, se quer saber
Como se ganha dinheiro,
Bote navios ao mar
Que eu serei seu marinheiro.

Santas noites nos dê Deus,
Oh janella do meu bem,
Fallo comtigo de noite,
Pois não vejo lá ninguem.

Oh amieiro do rio
Empresta-me a tua sombra,
Que eu roubei uma menina
E não tenho aonde a esconda.

Por amar e querer bem
Me queriam tirar a vida,
Oh que morte tão tyranna!
Oh que pena tão sentida!

Meninas não façam caso
Da cantiga ser errada;
Tambem um bom caçador
Atira, não mata nada.

Minha mãe p'ra me casar
Prometteu-me quanto tinha,
E deu-me depois em dote
A rodilha da cozinha.

O meu coração é vidro,
É vidro na tua mão,
Se tu queres vinga-te n'elle,
Deixa-o caír no chão.

Cuidavas que eu não sabia
O que tu de mim tens dito,
Dize lá o que quizeres,
O que eu era sempre fico.

O vestido que me deste
Não o soubeste escolher,
Deste-me azul, que é ciume,
Dá-me roxo, que é bem querer.

Fui á fonte dos amores,
Passei pela dos cuidados,
Enchi o pote de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

Se o bem querer é peccado,
Ai de mim que já pequei!
Se o padre me não perdoa,
Sem confissão morrerei.

Eu entrei por as Hespanhas
A guerrear castelhanos,
Com um exercito de velhas,
Todas de quatorze annos.

Minha mãe está-me a chamar,
—Minha mãe eu vou, eu vou;
Muito me custa a apartar
Do amor, com quem eu estou!

Quando eu era pequenino
E minha mãe me embalava,
Para me calar dizia,
Que eu para ti me creava.

Oh que lindos olhos tendes,
Dae-os ao sol para raios;
Se vol'os pedir alguem,
Dizei que são meus, guardae-os.

Ai la ri lo lé,
Como vae formosa!
Ponha a mão na trança,
Não lhe cáia a rosa.

Encontrei o sol de noite,
Na rua do *torna a traz,*
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem é rapaz!...

Encontrei o sol de noite,
Na rua dos Ouvidores,
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem tem amores!...

Lá cima, n'aquella serra,
Está um pinheiro a arder,
Eu passei pelo incendio,
Meu amor, para te ver.

Alto pinheiro ramado,
Cobre-me com a tua sombra;
Anda a justiça na terra
E não tenho aonde me esconda.

Tenho tres anneis no dedo,
Um inteiro, dois quebrados;
Tambem tenho tres amores,
Um firme, dois enganados.

Annel d'oiro não é prenda,
Muito menos o de prata,
Annel de contas miudas
É d'amor que nunca aparta.

Rua do cabo da villa,
Varandinhas ao correr,
No meio de tantas rosas
Algum cravo ha de nascer.

Cravos brancos na janella,
Menina, não os tenhaes,
Dá-lhe o vento e elles bolem,
Cuidam que vós me acenaes.

Lá te mandei um raminho
Com tres ginjas garrafaes.
Todas ellas vão dizendo
—Meu amor, quero-te mais.

Lá te mandei um raminho
Com tres amoras, que é luto,
Todas ellas vão dizendo
—Meu amor, quero-te muito.

O sol, quando nasce inclina-se
Ás pedras do teu annel;
Tambem eu me inclinei
Aos teus olhos, Manuel.

Ai la ri ló lé,
Que eu já me esquecia
De dar o remate,
Que eu bem o sabia.

O amor d'uma viuva
É como o comer sem sal,
É como a fructa sombria
Que não sabe bem nem mal.

Oh menina não me mire,
Que eu não sou seu miradouro,
Sou da terra dos loureiros,
Onde nasce a baga louro.

Tendes a parreira á porta,
Tendes sombra regalada,
Tens fama de ser bonita,
Deves ser bem procurada.

Oh José, oh Josésinho,
Oh José enganador,
Enganaste a menina
Com palavrinhas d'amor.

Pilriteiro, que dás pilritos,
Por que não dás cousa boa?
Cada um dá o que tem,
Conforme sua pessoa.

Ando abaixo e acima,
Como o retroz na balança,
Emquanto não fores minha
Meu coração não descansa.

O jasmineiro é verde,
As flores, que dá, são brancas;
Não póde ter amor firme
Quem se diverte com tantas.

O jasmim caíu do céu,
No ar frio a açucena;
Não ha nada n'este mundo,
Que me não venha dar pena.

Tu morres e eu tambem morro
D'uma morte bem sentida;
Tu morres por eu morrer,
Eu morro por te dar vida.

Fui ao jardim passear
P'ra espalhar a minha dor,
Achei lá o teu retrato
Na mais delicada flor.

Muito brilha o branco branco
Ao pé do branco lavado,
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Toca-me n'essa viola
Que a faças retinir,
O meu amor está ao longe,
Quero que elle possa ouvir.

De Lisboa me mandaram
Quatro peras n'um raminho,
Quem me dera agora ver
Quem fez o ramilhetinho!

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu como o sol a buscar-te,
Tu como a sombra a fugir-me!

Morreu a minha pombinha,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
As cartas ao meu amor.

Oh olhos de amora preta,
Oh faces de rosa branca!
Houvera de me ter ido,
Mas o teu amor me encanta.

Eu hei de dar a meus olhos
Um rigoroso castigo,
Já que elles por bem não querem
Tirar de ti o sentido.

Uns olhos pretos que eu vi,
De quem os meus negros são,
Foram os que me roubaram
Alma, vida e coração.

Se eu soubera ler no céu,
Como sei escrever na areia,
Não me havia de escapar
Moça bonita nem feia.

Hei de regar com meu pranto
Uma flor bem delicada,
Mas primeiro lhe hei de pôr
O nome da minha amada.

Não me importa que vindimes
Vinha que eu já vindimei,
Não se me dá que tu logres
Amores, que eu já logrei.

Se eu soubera que tu davas
Um só passo p'ra me ver,
Eu te jurára de certo
D'outros amores não ter.

Minha mãe é uma rosa,
Eu sou filha da roseira,
Nunca me apartarei d'ella,
Inda que a vontade queira.

Foste pedir-me a meu pae
Sem saberes o querer meu,
Em tudo meu pae governa,
Mas ahi governo eu.

Com a penna do pavão
E o sangue da cotovia,
Hei de escrever o meu nome
No coração de Maria.

Eu não sei que sympathia
Meus olhos comtigo tem,
Quando estou junto de ti
Não me lembro de ninguem.

Trazeis o roxo ao peito,
É signal de casamento;
Tirae o roxo do peito
Que o casar inda tem tempo.

Ai la ri la ri ló lé,
Ai la ri ló lé amei-te,
Amei-te emquanto pude,
Quando não pude deixei-te.

Retire-se lá quem vem,
Quando não retiro-me eu,
Não me quero encontrar
Com amor, que já foi meu.

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo,
A minha pouca assistencia
Te dará o desengano.

Se eu quizera amores
Tinha mais de mil,
Rapazinhos novos,
Que vem do Brazil.

Café, chocolate,
Farinha de pau,
Bolachinha doce
Tambem não é mau.

Algum dia p'ra te ver
Saltava sete portaes,
Agora nem um nem dois,
Nem uma passada mais.

Oh prima, chama-me primo,
Oh primo, não te sou nada,
D'onde nos viria agora
Esta nossa parentada?

Menina, não se namore
D'homem casado, que é perigo,
Namore-se d'um solteiro,
Que possa casar comsigo.

Dos ingratos d'este mundo
Tu és o de peior fama,
Que tratas com falsidade
A quem deveras te ama.

Tive um amor, tive dois,
Não quero ter nenhum mais;
O meu coração está farto
De dar suspiros e ais.

Janellas para o deserto
Só o meu amor as tem,
Hei de mandal-as abrir
Para o deserto tambem.

O sol é marco da lua,
Capitão mór da lindeza;
Ama-me com lealdade,
Que eu te amarei com firmeza.

Eu sou como a trovoada,
Que do céu á terra vem,
Onde chego, deixo fama,
Ou aqui ou mais alem.

Atrevida borboleta,
Que subiu á luz tyranna,
Caíu no chão, ficou morta,
É castigo de quem ama.

Oh meu amor, não me deixes,
Que eu ainda te não deixei;
A folha do al'mo víra,
Eu inda me não virei.

Não posso viver sem ti,
Nem tu, lindo amor, sem mim,
Vem cá, minha rosa branca,
Vem cá para o meu jardim.

Ninguem descubra o seu peito
Á melhor amiga sua,
Quem o seu peito descobre
Quer que se saiba na rua.

Caçador que vae á caça,
Não vae para ver coelho,
Vae para ver a menina
Do colletinho vermelho.

Ai la ri ló lé,
Oh pimpão da rua,
Entre cá p'ra dentro,
Que esta casa é sua.

Ai la ri ló lé,
Eu não sou pimpão,
Sou um cordeirinho
Creado á mão.

Cheguei á minha janella
Lancei os olhos, e vi
Meu amor nos braços d'outrem,
Não sei como não morri.

Um suspiro lhe vou dar
Por ser mimosa flor,
É a planta que existe
Reunida ao meu amor.

Verde é a malva cheirosa,
Amargosa na raiz;
Não te gabes que me deixas,
Que fui eu que te não quiz.

Na desgraça de não ver-te
Meu amor não faz mudança,
Quanto mais longe da vista,
Mais te trago na lembrança.

A salsa da minha horta
É verdinha, torce o pé;
Assim eu torcêra a lingua
A quem diz o que não é.

Quando o sol deixar de dar
Na terra de Valle de Freixo,
Eu então direi, menina,
A rasão por que te deixo.

Vem a morte leva a vida,
Vem a tumba leva o corpo,
Fica a futrica perdida,
Morre um para bem d'outro.

Apalpei meu lado esquerdo
Não achei meu coração,
Chegou-me a feliz noticia
Que estava na tua mão.

A parreira tem mil varas,
As varas tem mil enleios,
Quando comecei a amar-te
Tinha eu mil arreceios.

Manda-me de lá dizer
O roxo que preço tem,
Que me quero vestir d'elle
Por sentimento d'alguem.

Tendes a candeia accesa,
Estaes fazendo o serão,
Oh quem fôra o velador
Do teu terno coração!

Quatro cousas são precisas
Para saber namorar,
Olho fino, pé ligeiro,
Responder, saber fallar.

Do coração farei tinta,
Farei tinteiro do seio,
Dos olhos fino papel,
Do pensamento correio.

Sete-estrello rondador,
Que rondas a toda a hora,
Recolhe-te, sete-estrello,
Que eu quero rondar agora.

Noite escura, noite escura
É para mim um regalo,
Ai! quanta pena me deste
Noite de luar claro.

Tendes olhos de matar,
A bôca compadecida;
—P'ra que mataes com os olhos,
Se com a bôca daes vida?

Mandaste-me colher rosas,
A picar os meus dedinhos,
Dae-me agora os alfinetes
Para tirar os espinhos.

Fiz a cama na amoreira
Sem cobertor nem lençol;
A cama sem rapariga
É como o dia sem sol.

Amar e saber amar
Ensinou-me quem sabia;
Amar foi a natureza,
Saber foi a sympathia.

Amar e saber amar,
Amar e saber a quem;
É amar a Deus do céu
E depois a mais ninguem.

Canta o gallo, que é de noite
Relogio dos namorados,
Vamo-nos d'aqui embora,
Não nos achem descuidados.

Canta, amor, cantemos ambos,
Já que outra vida não temos,
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

Meu coração pede, pede
Terra para um pomar,
Meus olhos se obrigarão
A dar agua p'ra o regar.

Bem parece um carro novo
Á porta d'um lavrador,
Bem parece uma menina
Nos braços do seu amor.

Chamaste-me bexigosa,
Que tendes com os meus signaes?
Nunca vi altar sem vélas,
Nem vélas sem castiçaes.

Anda cá, perola fina,
Do meu peito desejada,
Inda não era nascido
Já meu coração te amava.

Sou pintor de louça fina,
Já hoje pintei um prato,
Inda espero de pintàr
No teu peito o meu retrato.

O meu amor engeitou-me,
Eu dou-me por engeitada,
Faço de conta que sou
Viuva sem ser casada.

Eu subi ao altar mór
Accendi vélas ao throno,
Ai de mim que estou amando
Carinhos que já têem dono.

Ai la ri lo lé,
Repete, repete,
Se o amor se vae,
Ficam seis ou sete.

Ai la ri lo lé,
Repete outra vez,
Se o amor se vae,
Ficam dois ou tres.

Tendes olhos, compraes olhos!
Andaes na mercadoria,
Comprae-me tambem os meus
Para a vossa companhia.

O amor procura agrado,
Não procura formosura,
Formosura sem agrado
É viver na noite escura.

Tenho dentro do meu peito
Duas escadas de flores,
Por uma descem suspiros,
Por outra sobem amores.

Não ha sabbado sem sol,
Nem rosmaninho sem flor,
Nem casada sem ciume,
Nem solteira sem amor.

Não ha sol como o de maio,
Luar como o de janeiro,
Nem cravo como o regado,
Nem amor como o primeiro.

Sete-estrello rondador,
Capa de quem se quer bem,
Deixa vir a noite escura,
Que eu irei rondar tambem.

Dizeis que eu vos quero bem,
O que dizeis é engano,
Cortaes pela minha vida
Como quem tesoura panno.

Esse cabello na testa
Mette-te infinita graça,
Parecem meadas d'oiro,
Aonde o sol se embaraça.

Ferros d'El-Rei são grilhões,
Inda o amor é mais forte,
Para ferros inda ha limas,
Para o amor só a morte.

Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem duzentos confessores,
Já me tiram do sentido
D'eu fallar aos meus amores.

Não cuidei que a violeta
Tão depressa se murchasse;
Não cuidei que o meu amor
Tão depressa me deixasse.

As quatro esquinas da praça
Já se não chamam esquinas,
Chamam-se confessionarios
De confessar as meninas.

Nas ondas do teu cabello
Me hei de lançar a nadar,
Quero que saibas, menina,
Que ha ondas sem ser no mar.

Tendes as mãos de alva neve,
Os dedos são lindas flores,
Os braços cadeias d'oiro,
Laços de prender amores.

Alto pinheiro redondo
No cimo tem verde cruta,
Estou defronte do pomar,
Não posso comer a fructa.

O papel com que te escrevo
Sae-me da palma da mão,
A *penna* sae-me dos olhos,
A tinta do coração.

De traz da roseira nasce
Fogo que abrasa dois lumes;
Quem é rendeiro d'amores
Paga renda de ciumes.

Tendes o rosto vermelho,
Roubastes a côr ao cravo,
A branquidão á açucena,
Trazeis o jardim roubado.

Oh arvoredo fechado,
Não digas que eu aqui vim,
Não quero que o amor saiba
Novas nenhumas de mim.

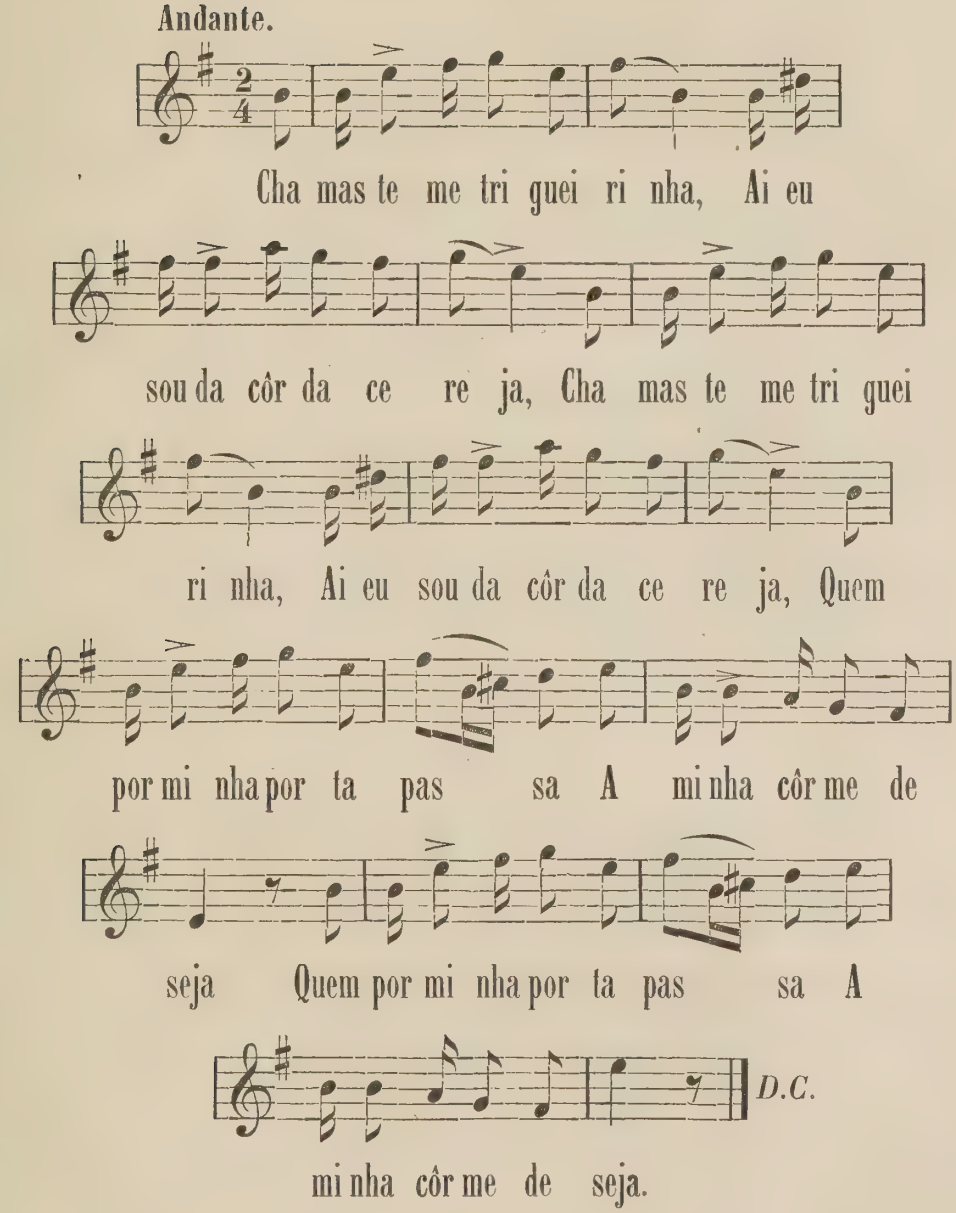
Eu hei de amar ás avessas
Para ninguem o saber,
Passa por mim, fecha os olhos,
Faz-te cego sem o ser.

Ai la ri la ri lo lé,
Ai la ri lo lé, quem deu?
Deu uma pedra na outra,
O meu coração no teu.

Os meus olhos, coitadinhos,
Namoraram-se dos teus,
Se namorar é um crime,
Criminosos são os meus.

Ai la ri lo lé,
Salsa verde sécca;
Á luz dos teus olhos
Quem é justo pécca.

TRIGUEIRINHA



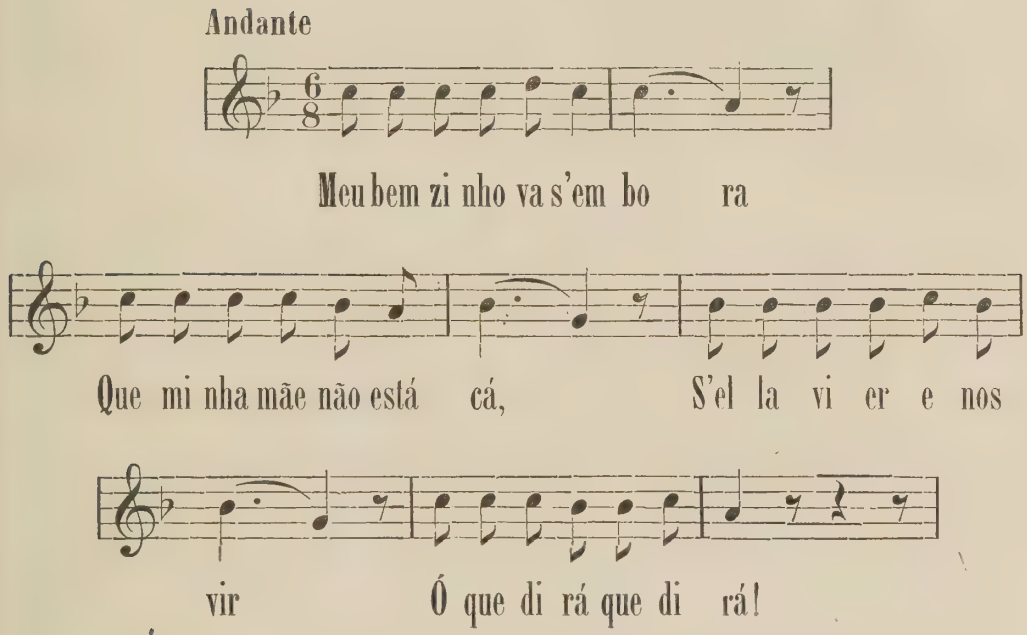
Chamaste-me trigueirinha,
Eu sou da côr da cereja,
Quem por minha porta passa
A minha côr me deseja.

Chamaste-me trigueirinha
Isto é do pó da eira,
Tu me verás no domingo
Como a rosa na roseira.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei,
Trigueirinha é a pimenta
E vae á mesa do rei.

Vós chamaes-me trigueirinha,
Eu do sangue não o sou,
Isto é de andar nas ceifas,
Foi o sol que me queimou.

MEU BEMZINHO

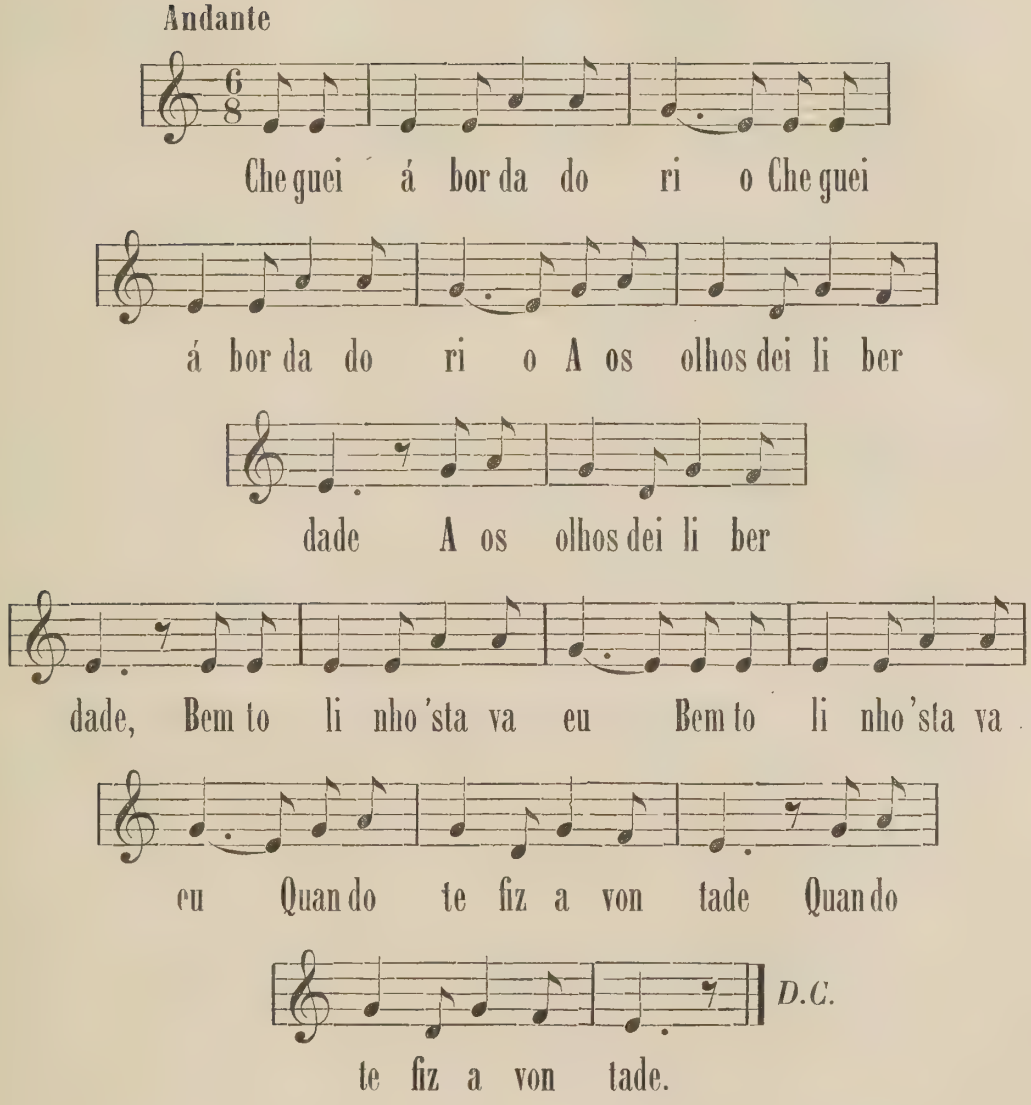


Meu bemzinho, vá-se embora,
Que minha mãe não está cá,
Se ella vier e nos vir
O que dirá! que dirá!

O que dirá, que dirá!
O que não ha de dizer!
Amorzinho, vá-se embora,
Que não tem cá que fazer.

Meu bemzinho, vá-se embora,
Que minha mãe não está cá,
Se ella vier e nos vir
O que dirá! que dirá!

MORENA



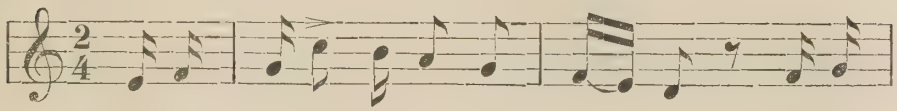
Cheguei á borda do rio,
Aos olhos dei liberdade,
Bem tolinho estava eu
Quando te fiz a vontade.

Se tu não fôras morena
Terias abraços meus,
Assim como és morena,
Moreninha, adeus, adeus.

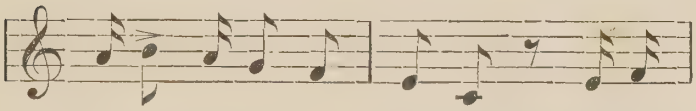
Cheguei á borda do rio,
Aos olhos dei liberdade,
Bem tolinho estava eu
Quando te fiz a vontade.

CAVACO DO RIO

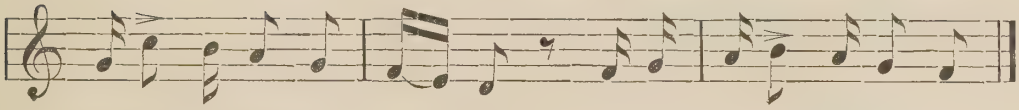
Andante quasi larguetto.



Ai eu sou ca va co do ri o Ai vei
Ai á tu a por ta me ni na fez um

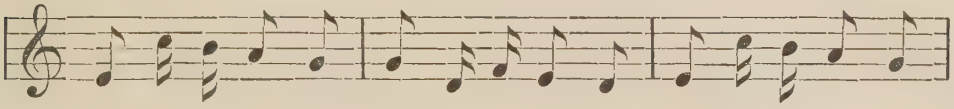


o a chei a le vou me, Ai eu
re man so e dei xou me Ai á

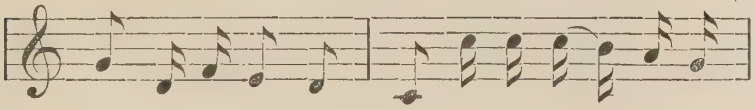


sou ca va co do ri o Ai vei o a chei a le
tu a por ta me ni na fez um re man so e dei

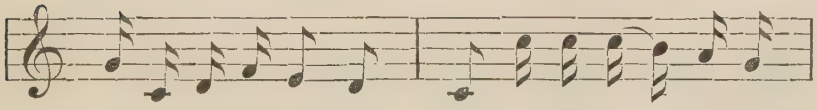
Allegro.



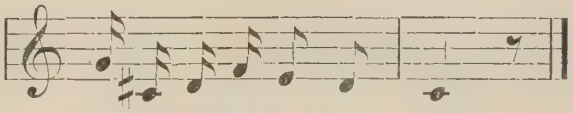
voume
xoume A qui mais a bai xo Aqui mais a lem Fu giu m'o meu



par Vou ver s'el le vem Já cá está já cá



está Já cá está meu bem Já cá está ja cá



está Já cá está meu bem.

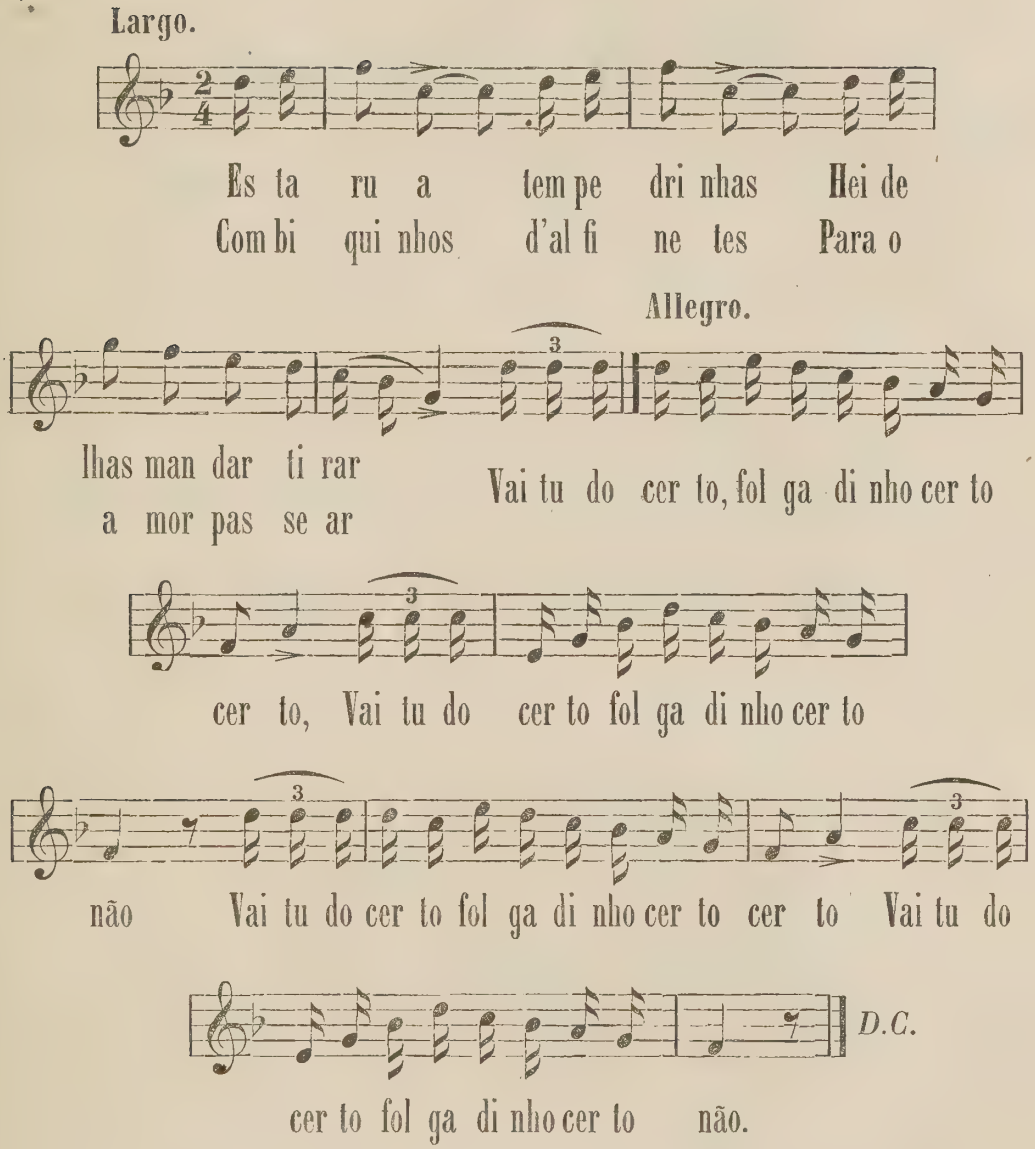
Eu sou cavaco do rio,
Veiu a cheia levou-me,
Á tua porta, menina,
Fez um remanso, deixou-me.

Aqui mais abaixo,
Aqui mais alem,
Fugiu-me o meu par,
Vou ver se elle vem.

Já cá está, já cá está,
Já cá está, meu bem.

Eu sou cavaco do rio,
Veiu a cheia levou-me,
Á tua porta menina,
Fez um remanso, deixou-me.

FOLGADINHO



Esta rua tem pedrinhas,
Hei de lh'as mandar tirar,
bis { Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo?
Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.

Com biquinhos de alfinetes
P'r'a o meu amor passear.

bis { Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo?
Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.

Ai Jesus que me piquei,
N'esta rua não ha tojos!

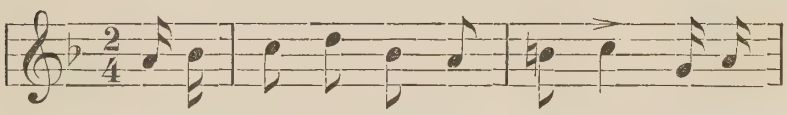
bis { Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo?
Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.

Picou-me aquella menina
Da janella com os seus olhos.

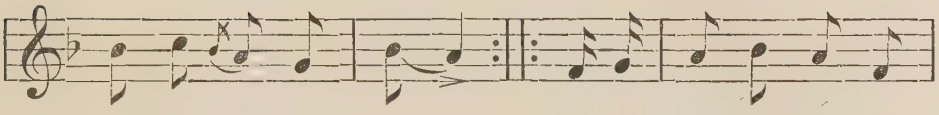
bis { Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo?
Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.

VIVO TRISTE SEM O MEU DERRIÇO

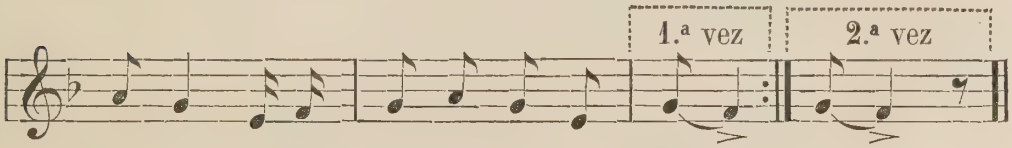
Andante



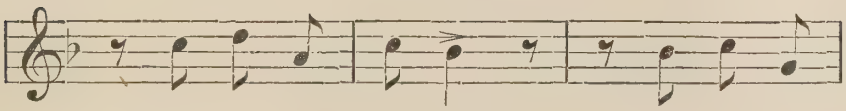
Oh Bu ar cos oh Bu ar cos Se nho



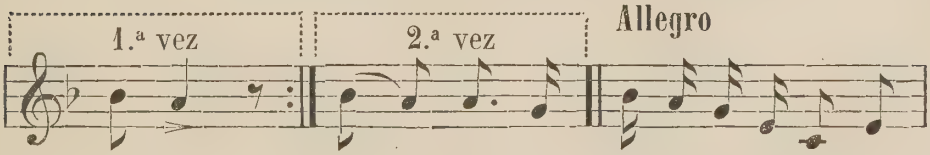
ra da En car na ção O re tra to da se



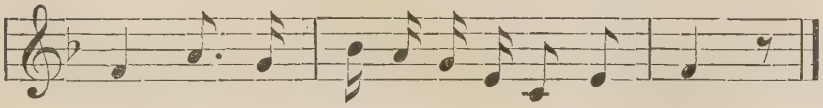
nho ra tra go eu no co ra ção. ção.



Se queres q'eu vi va Não di gas



is so is so Vi vo tris te sem o meu der



riço Vi vo tris te sem o meu der riço.

Oh Buarcos, oh Buarcos,
Senhora da Encarnação!
O retrato da Senhora
Trago eu no coração.

Se queres que eu viva
Não digas isso;
Vivo triste
Sem o meu derriço.

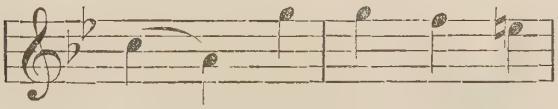
Se queres que eu viva
Não digas nada;
Vivo triste
Sem a minha amada.

OH SENHOR LADRÃO

Andante.

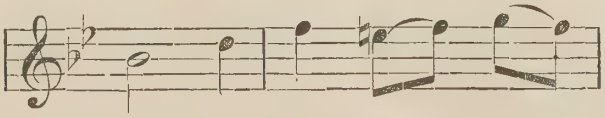
Oh se nhor la drão an

de li gei ri nho Oh se nhor la

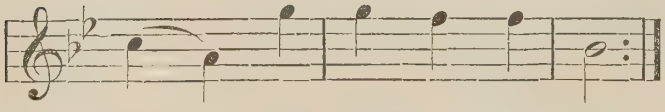


drão an de li gei

ri nho Se não quer fi car no mei o só



sinho Se não quer fi



A repetição em allegro

car no mei o só sinho.

bis { Oh senhor ladrão
Ande ligeirinho,

bis { Se não quer ficar
No meio sósinho.

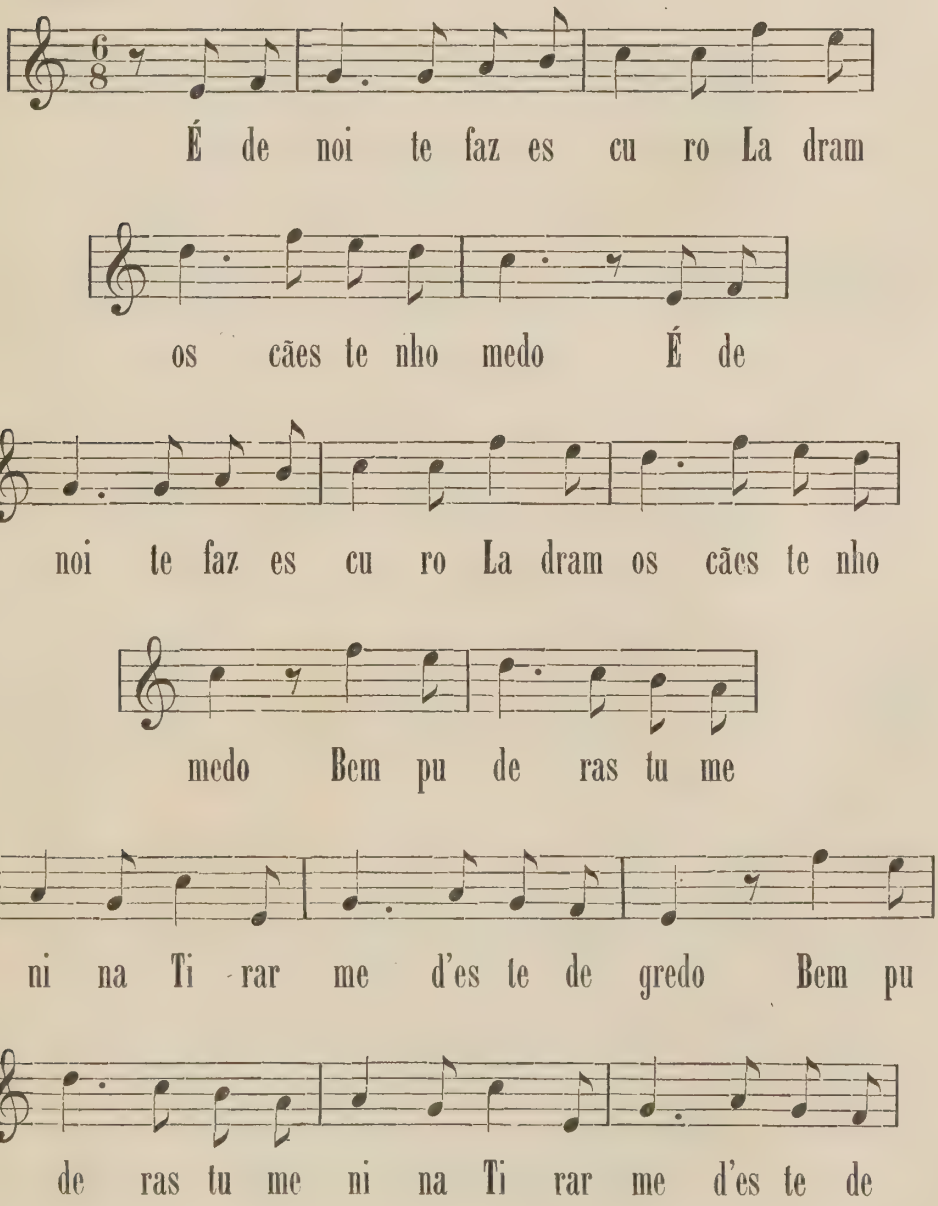
bis { No meio sósinho
Não hei de ficar,

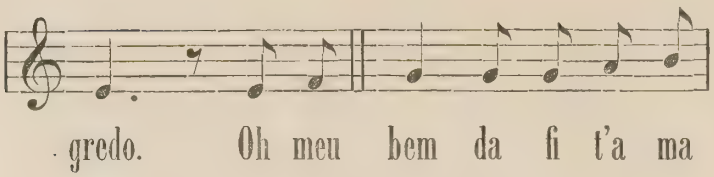
bis { Que a esta menina
Me vou abraçar.

Esta menina,
Que agora entrou,
Deixem-a dansar
Qu'inda não dansou.

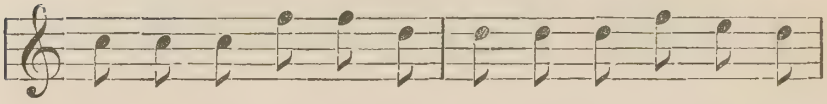
OH MEU BEM DA FITA AMARELLA

Andante.

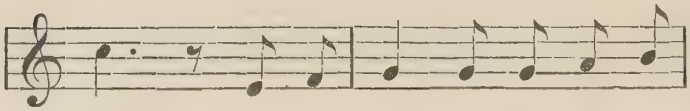




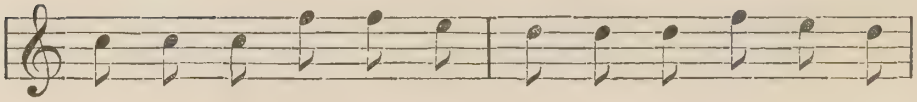
gredo. Oh meu bem da fi t'a ma



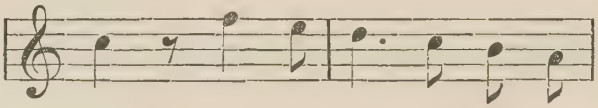
rel la Ca sa da sol tei ra bo ni ta don



zella Oh meu bem da fi ta a ma

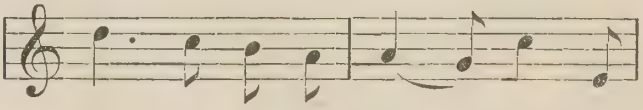


rel la Ca sa da sol tei ra bo ni ta don

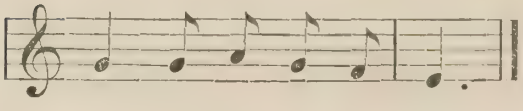


zella Quem t'a ma va já mor

reu Quem te a m'a go ra sou eu Quem t'a



ma va já mor reu Quem te



a m'a go ra sou eu..

É de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo;
Bem puderas tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.

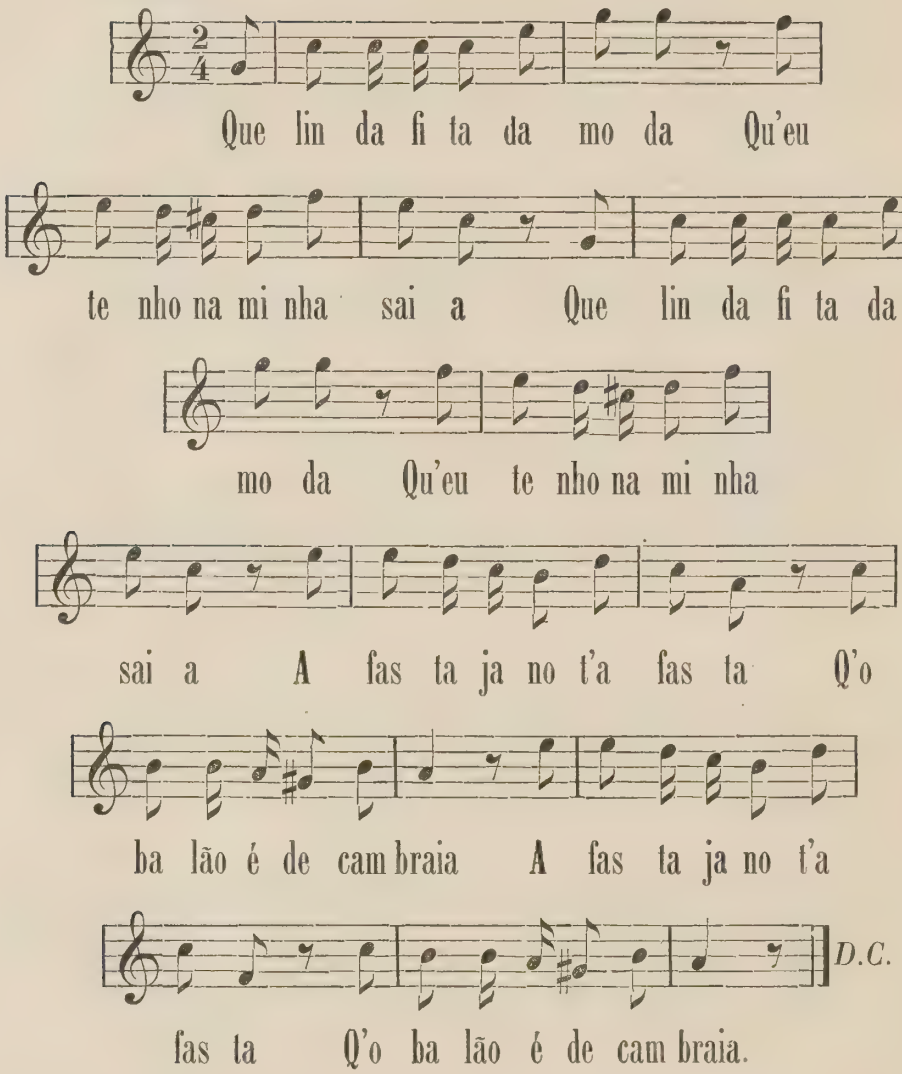
Oh meu bem da fita amarella,
Casada, solteira, bonita donzella,
Quem te amava já morreu,
Quem te ama agora sou eu.

Aqui estou á tua porta
Como o feixinho de lenha,
Estou á espera da resposta
Que da tua mão me venha.

Oh meu bem da fita amarella,
Casada, solteira, bonita donzella,
Quem te amava já morreu,
Quem te ama agora sou eu.

AFASTA JANOTA, AFASTA

Andante.



Que linda fita da moda,
Que eu tenho no meu chapéu;
Afasta, janota, afasta,
Que o balão ha de ir ao céu.

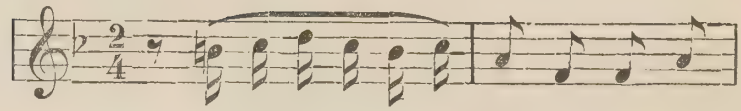
Que linda fita da moda,
Que eu tenho no meu vestido;
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de junquilho.

Que linda fita da moda,
Que eu tenho no meu lencinho;
Afasta, janota, afasta
Que o balão vae p'r'o moinho.

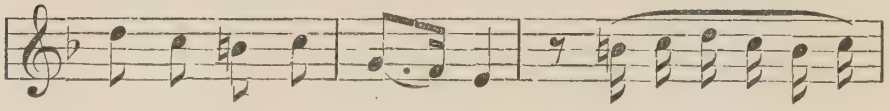
Que linda fita da moda,
Que eu tenho na minha saia;
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de cambraia.

O PERIQUITO

Quasi largo.

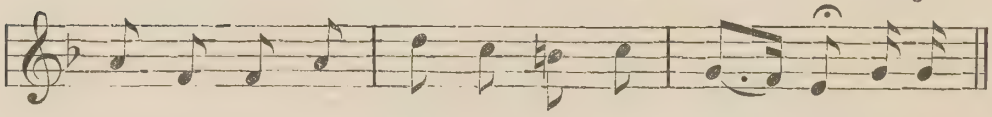


En con trei um pe ri qui to Na cal

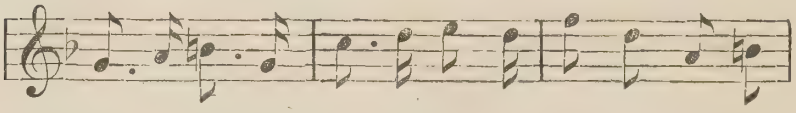


ça da de San t'An na En con trei um pe ri

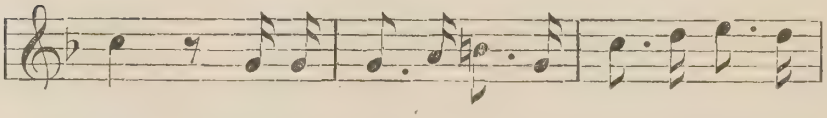
Allegro.



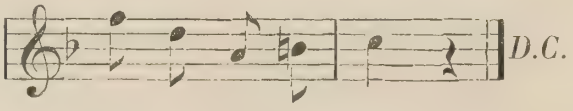
qui to Na cal ça da de San t'An na Bo a



mei a bo a cal ça Sa pa tos á cas te



lhana Bo a mei a bo a cal ça Sa pa



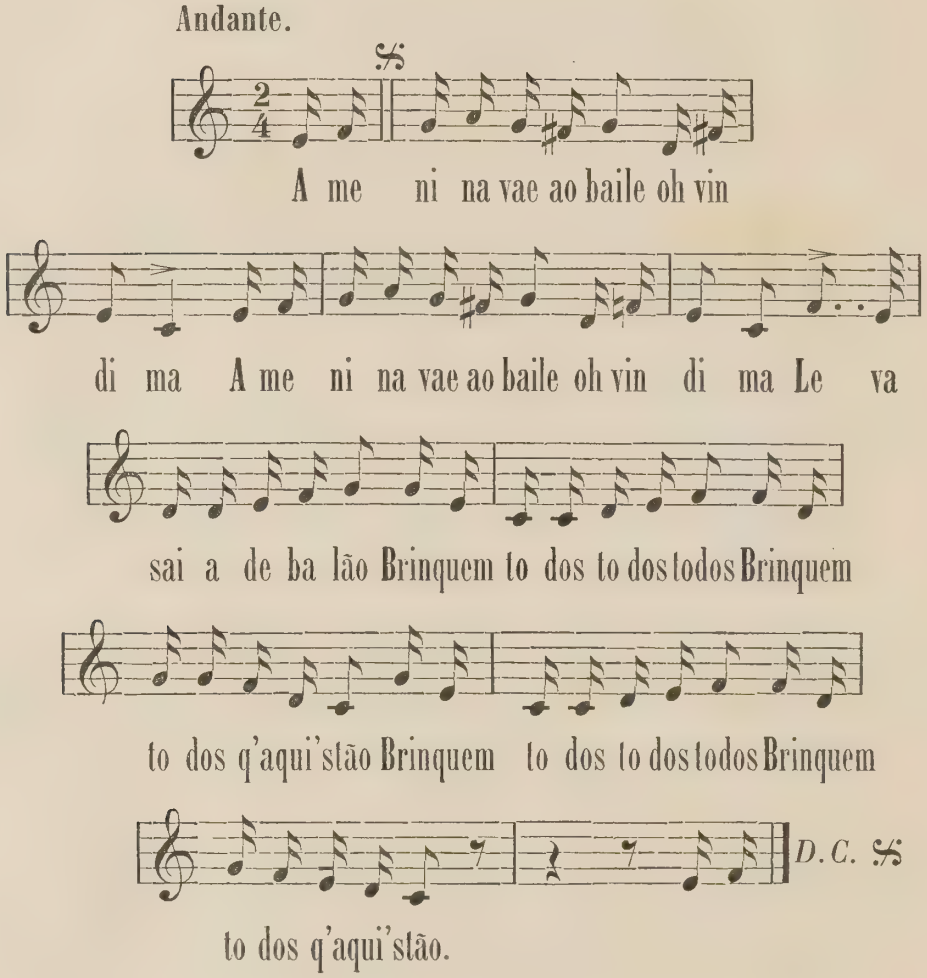
tos á cas te lhana.

Encontrei um periquito
Na calçada de Sant'Anna;
Boa meia, boa calça.
Sapatos á castelhana.

Sapatinho de tres solas
Com saltinho amarello;
Você cuida que me engana,
Não me engana, só se eu quero.

Na calçada de Sant'Anna,
Apesar de bem segura,
Quando o meu amor lá passa,
Não ha pedra que não bula.

A MENINA VAE AO BAILE



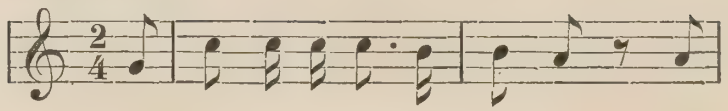
A menina vae ao baile,
Oh vindima!
Leva saia de balão;
Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos que aqui estão.

A menina vae ao baile,
Oh vindima!
Leva meias de algodão;
Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos que aqui estão.

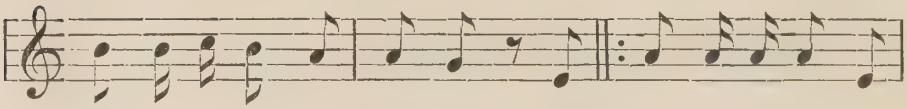
Inda leva outra cousa,
Oh vindima!
Sapatos de cordovão;
Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos, só eu não.

O PRETO

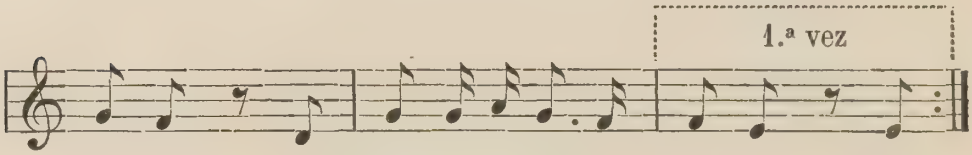
Allegretto.



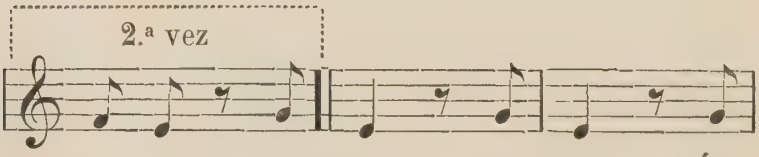
Quem qui zer q'o pre to fa ça O



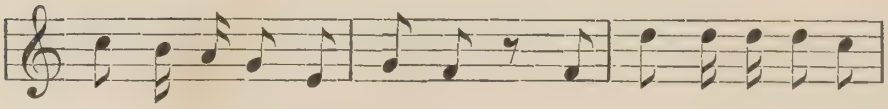
ser vi ço de von ta de Dê lhe vinho e a guar



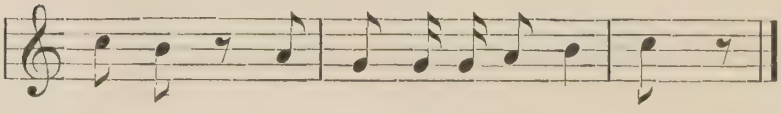
den te Tra te o com ca ri da de Dê



da de Traz traz quem é? É o



pre to que vem d'An go la Com seu ca chim bo na



bô ca E seu cha péu á hes panhola.

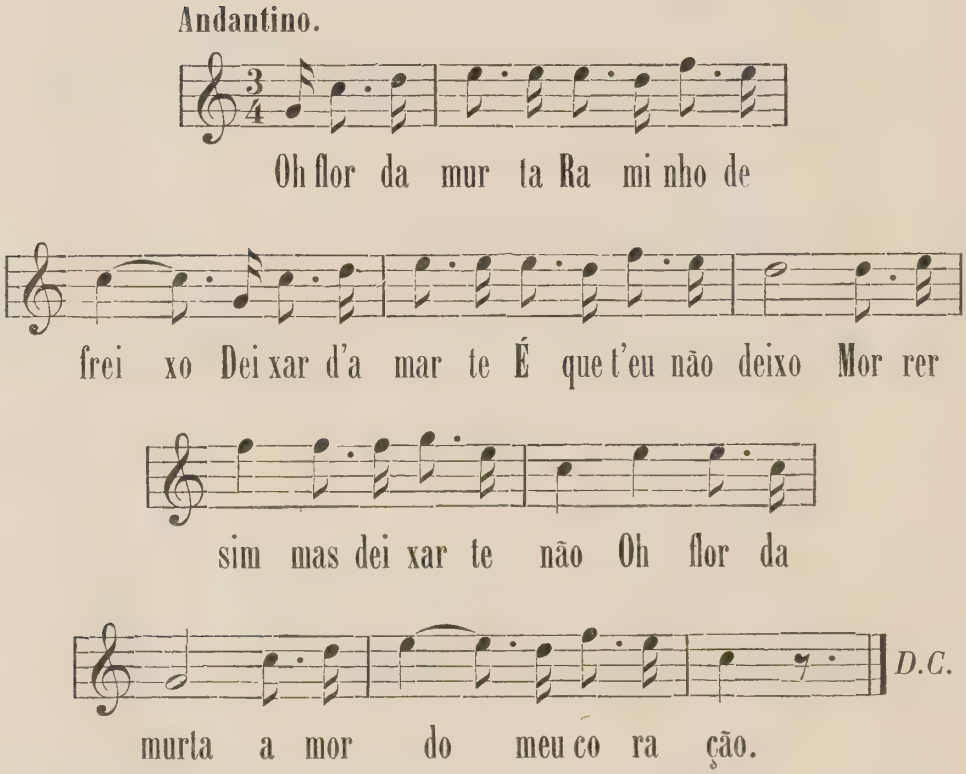
Quem quizer que o preto faça
O serviço de vontade,
Dê-lhe vinho e aguardente,
Trate-o com caridade.

Traz, traz, quem é?
É preto que vem d'Angola,
Com seu cachimbo na bôca
E seu chapéu á hespanhola.

Ai! o preto tambem canta
Cantiguinhas á viola;
Ai! o preto tambem dansa,
O preto tambem namora.

Traz, traz, quem é?
É preto que vem d'Angola,
Com seu cachimbo na bôca
E seu chapéu á hespanhola.

OH FLOR DA MURTA

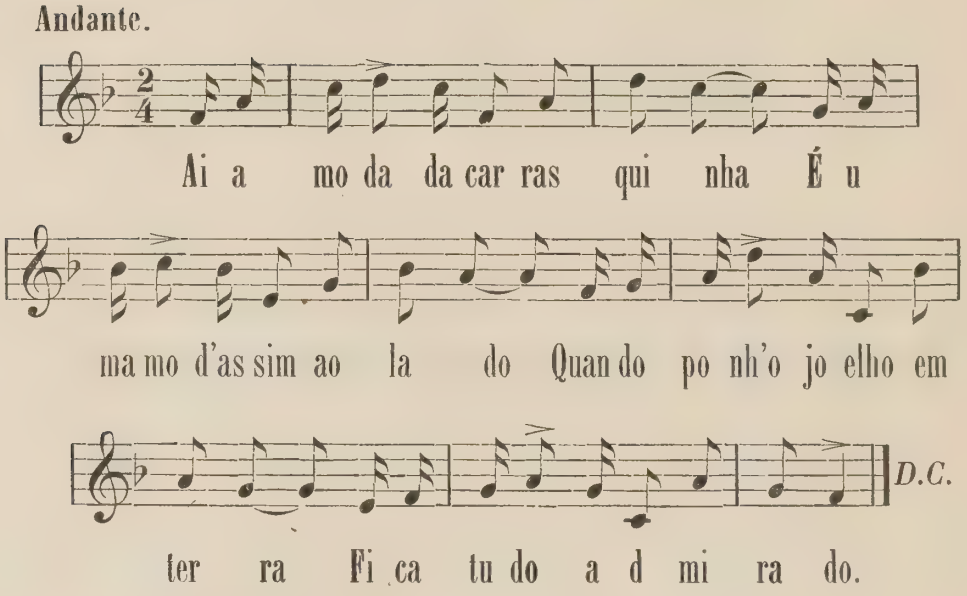


Oh flor da murta,
Raminho de freixo,
Deixar de amar-te
É que te eu não deixo.

Oh flor da murta
Do meu coração,
Deixar de amar-te,
Ai! não deixo, não.

Morrer sim, mas deixar-te. não,
Oh flor da murta do meu coração.

A CARRASQUINHA



Ai! a moda da carrasquinha
É uma moda assim ao lado,
Quando ponho o joelho em terra,
Fica tudo admirado.

Oh Mathilde, sacode a sáia,
Oh Mathilde, levanta o braço,
Oh Mathilde, dá-me um beijinho,
Oh Mathilde, dá-me um abraço.

Ai! a moda da carrasquinha
É uma moda assim ao lado,
Quando ponho o joelho em terra,
Fica tudo admirado.

ESTUDANTINA

Oh cidade de Coimbra
Pequenina e alegre,
Quem n'ella tomar amores
Ha de saltar como a lebre.

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora,
Toca o sino, vae p'ra a aula,
Chegam ferias, vae-se embora.

Rio que vaes para baixo,
Que não voltas para cima,
Rio, leva-me uma carta
Ao meu amor de Coimbra.

Adeus, oh bairro dos Arcos,
As costas te vou virando,
A minha bôca vae rindo,
Os meus olhos vão chorando.

Adeus ponte de Coimbra,
Largas vistas do Mondego,
Ausente dos meus amores
Viverei com mais socego.

Oh cidade de Coimbra,
Arrasada sejas tu
Com beijinhos e abraços;
Não te quero mal nenhum.

Sansão é dos frades Cruzios,
A Calçada dos amantes,
A Praça das regateiras,
A Ponte dos estudantes.

Cantigas ao desafio
Commigo ninguem as cante,
Que eu tenho quem m'as ensine,
O meu amor, que é estudante.

Sou estudante de Coimbra,
Ando a estudar medicina,
Quizera tomar o pulso
Áquella linda menina.

Em Coimbra tenho o corpo,
Em Santa Clara os sentidos,
No convento os meus amores
Lá ficaram recolhidos.

Oh areial do Mondego,
Não sei como tens areia;
Quer de noite, quer de dia
Meu coração te passeia.

O meu amor é estudante,
É estudante de latim,
Se elle se chega a formar
Ninguem tenha dó de mim.

Encontrei o sol de noite
Nos areiaes do Mondego,
Enganei-me, era a lua,
O sol não anda tão cedo,

Campos verdes de Coimbra
Cheios de cannaviaes!
Quem se fia em estudantes
O que recebe são ais.

Estudantinho, deixe os livros,
Volte-se cá para mim,
Mais vale um dia d'amores,
Que dez annos de latim.

Eu fui a Coimbra ao estudo
Aprender lições de amar,
Apenas vi os teus olhos
Nunca mais pude estudar.

Quando eu ía para a escola
Caíu-me o livro no caes;
Apenas vi os teus olhos
Já não pude estudar mais.

Oh meu amor, se partires,
Escreve-me do caminho,
Se não tiveres papel,
Nas azas d'um passarinho.

D'aqui a Coimbra é longe,
Não chegam lá meus sentidos,
Mas se acaso lá chegarem,
Chegam mais mortos que vivos.

Adeus, oh largo da Feira,
Cercado de cravos brancos,
Onde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

AMPHIGURÍ

Os palacios da rainha
São casas de grande altura,
Os que vão p'ra lá morar
Tambem vão p'ra sepultura.

Casa cheia tem fartura,
Tambem tem o seu sarilho;
Corre a gallinha p'ra o milho,
Quem paga são os pardaes.

Um burro tem atafaes,
Tambem se lhe põe estribos;
Todas as tendas tem figos
P'ra contentar os rapazes.

No mar andam alcatrazes,
D'estes que apanham gaivotas,
Aos que tem as pernas tortas
Todos lhe chamam *canêjos*.

Vão-se as sezões com os desejos,
As f'ridas com unguento;
O moinho anda com o vento,
E lá no ar tece a aranha.

Esta cantiga é tamanha,
Não tem principio nem fim;
Um raminho de alecrim
É bom para os namorados.

As armas são p'ra os soldados
E tambem p'ra os caçadores;
Isto de quem tem amores
Traz o juizo a arder.

Tenho ouvido dizer
Quem é vário que padece.
Você diz que não conhece
A'ruda pela toada;

Faço-me desentendida,
A mim não me escapa nada;
Você diz que marmelada
É uma comida quente;

Ella se dá ao doente,
E áquelles que bem se tratam;
P'ra os ricos os bois se matam,
Come o pobre pão de rala.

Não ha correio sem mala,
Nem cegonha sem ter bico;
Vão para a ilha do Pico,
Que é terra da boa ameixa;

A paga que a fructa deixa
É causar indigestões;
Pilhei já umas sezões
Por causa da melancia.

Tornemos á vacca fria,
Que nos ficou do jantar,
Mais podéra o mar seccar,
A praia ser levadiça,

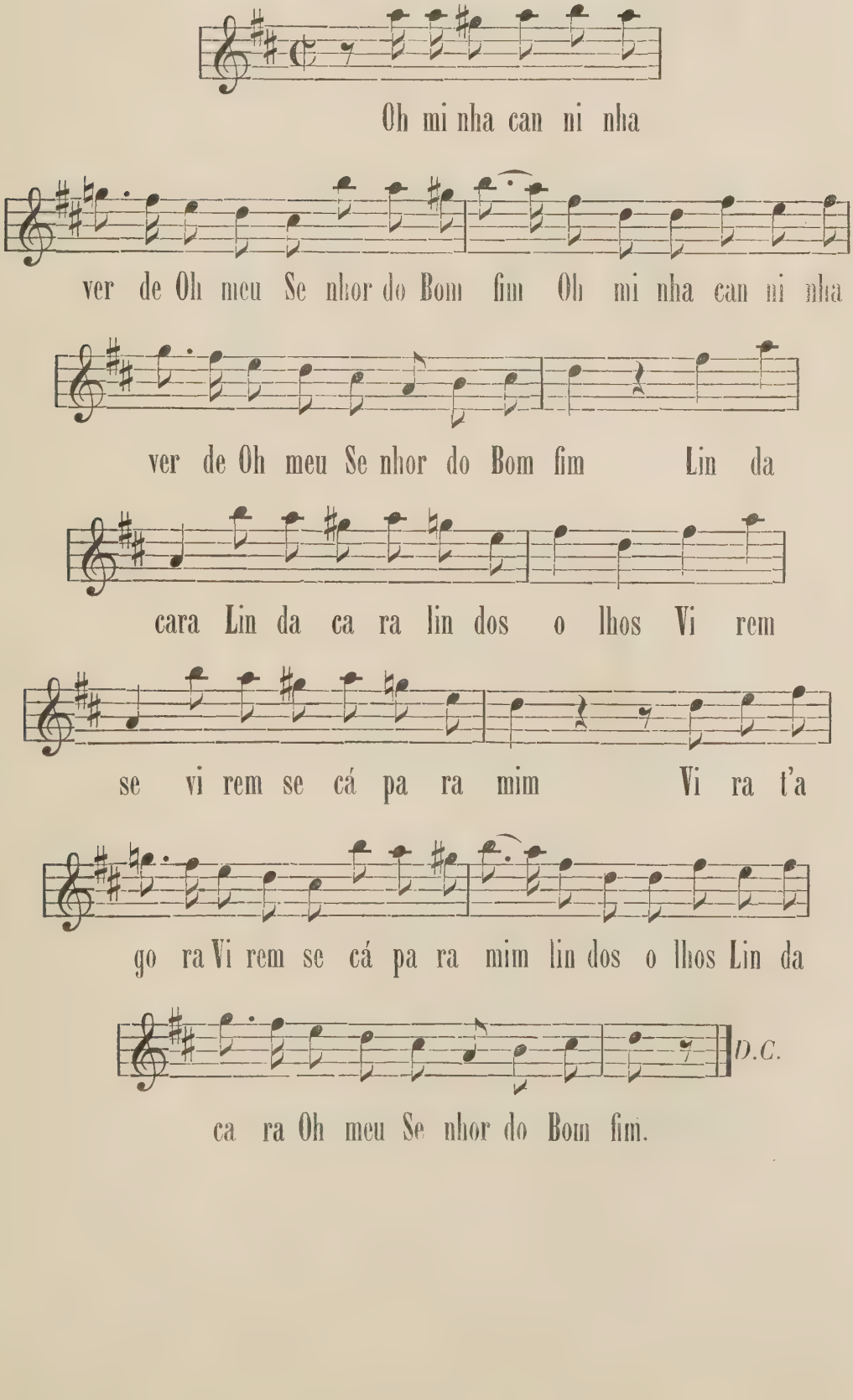
Tornar-se a penha em cortiça,
A agua fria escaldar,
Tornar-se o fel em doçura,
Em tudo haver mudança,
Do que em ti firmeza pura.

II

CANTIGAS DO MINHO

CANNA VERDE

Andante.



Oh minha canninha verde,
Oh meu Senhor do Bomfim,
Linda cara, lindos olhos,
Virem-se cá para mim.

Oh minha canninha verde,
Oh meu Senhor do Padrão;
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.

Eu pintei a canna verde,
Eu pintei a verde canna,
Eu pintei a canna verde
No travesseiro da cama.

A canna verde no mar
Anda ao redor do vapor,
Inda está para nascer
Quem ha de ser meu amor.

A canna verde me disse
Que eu havia de ir com ella,
Vae-te embora, canna verde,
Que eu vou para a minha terra.

A canna verde no mar
Bota raizes n'areia,
Sou leal a todo o mundo,
Todo o mundo me falseia.

MANUEL

(Canta-se com a mesma musica da **Canna verde**)

Manuel, tão lindas moças!
Manuel, tão lindas são!
Manuel, quero-te muito,
Manuel do coração.

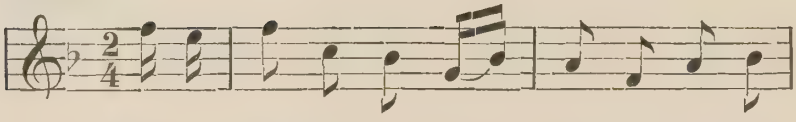
Manuel é um perdido,
Que deixou perder a dama,
Olha, Manuel, não percas
O travesseiro da cama.

Manuel, vamos dansar,
Que nos importam fadigas?
Pareces que estás brincando
Commigo as escondidas.

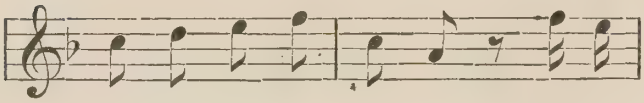
Manuel, tão lindas moças!
Manuel, tão lindas são!
Manuel, quero-te muito,
Manuel do coração.

O DERRIÇO

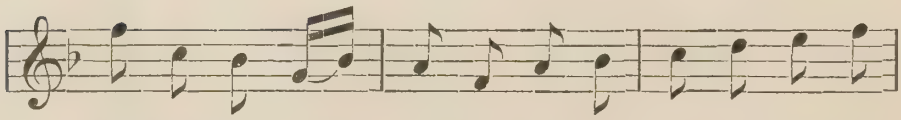
Andante.



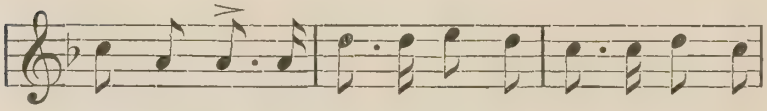
Meu a mor que'staes tão tris te Di zei



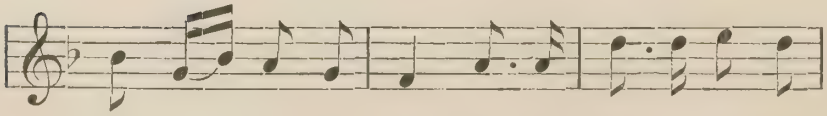
me por que cho ra es Meu a



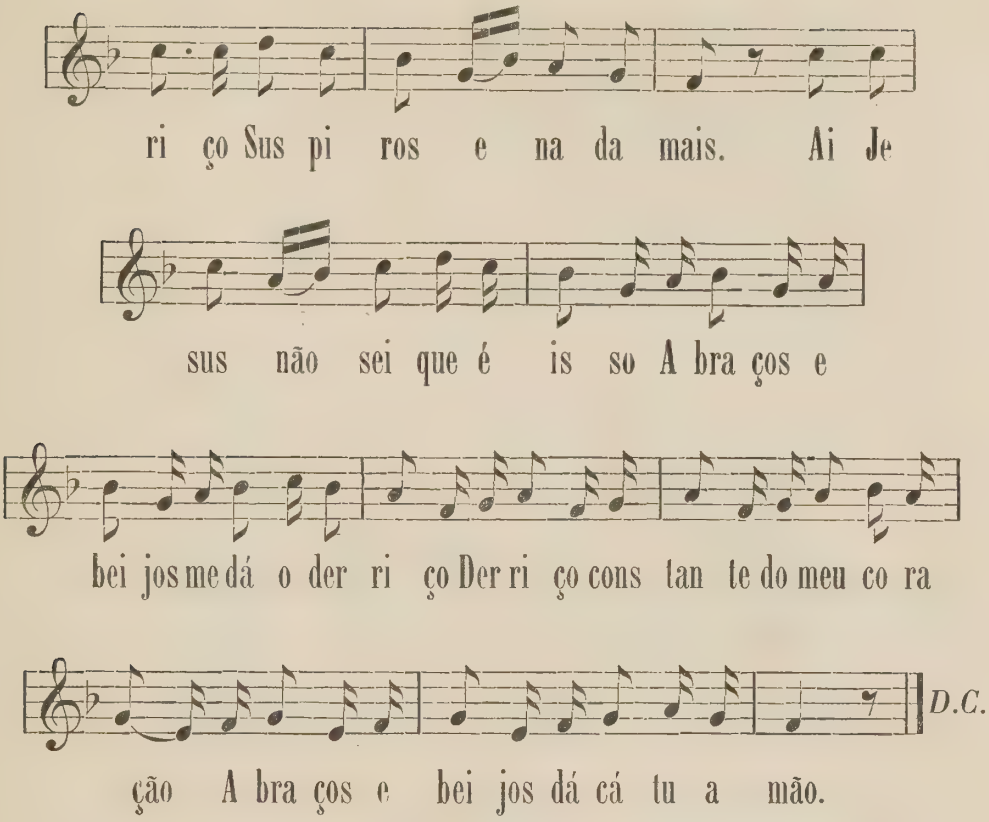
mor que'estaes tão tris te Di zei me por que cho



ra es São sau da des do der ri ço Sus pi



ros e na da mais São sau da des do der



Meu amor que estaes tão triste;
Dizei-me porque choraes?
São saudades do derriço,
Suspiros e nada mais.

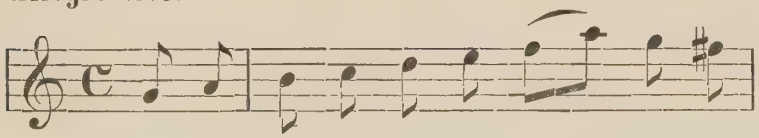
Não ponhas o pé no meu,
Nem a mão na minha cinta;
É crime de mão cortada
Quem com amor d'outro brinca.

Eu jurei e tu juraste
Constancia, firmeza, amor;
Sinta mil vezes a morte
Aquelle que ingrato for.

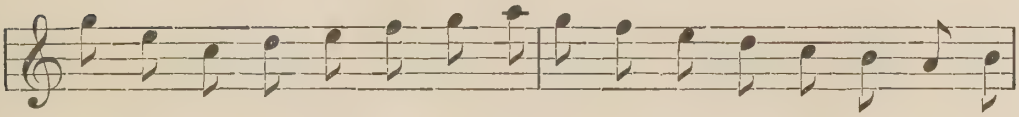
Ai Jesus! não sei que é isso,
Abraços e beijos me dá o derriço:
Derriço constante do meu coração,
Fechemos a roda, dá cá tua mão.

CHULA OU RAMALDE

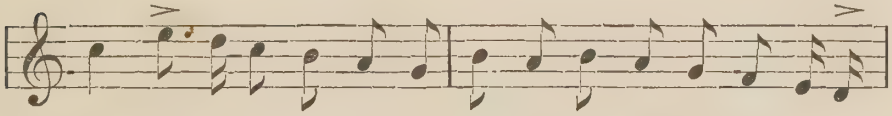
Allegro vivo.



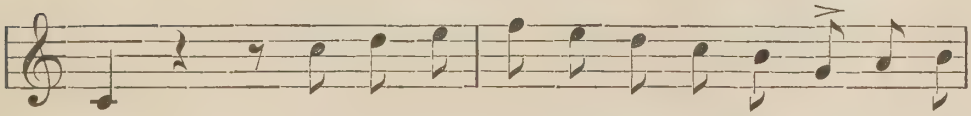
Ma nu el o lhos a zues Ma nu



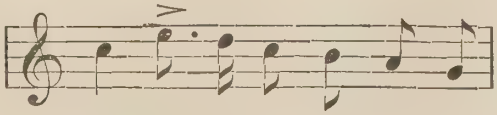
el o lhos a zues Vi ra t'a go ra Den tes de pe ro las



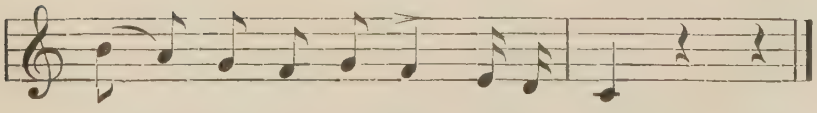
finas Não sei que me tu fi zes te Que tan to me de sa



tinas Vi ra t'a go ra Den tes de pe ro las



finas Ma nu el o lhos a



D.C.

zues Que tan to me de sa tinas.

Manuel, olhos azues,
Dentes de perolas finas,
Não sei que me tu fizeste
Que tanto me desatinas!

Menina, se sabe ler,
Leia no meu coração,
Que dentro d'elle achará
Se lhe quero bem ou não.

A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha;
Tambem tu quando nasceste
Logo foi para ser minha.

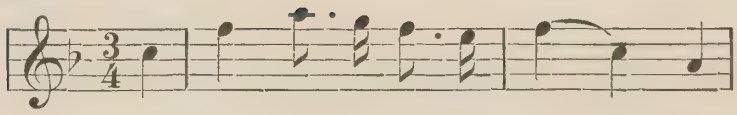
Se o mar tivera varandas
Fôra-te ver ao Brazil;
Mas o mar não tem varandas,
Diz, amor, por onde hei de ir?

Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu fruito;
Foste o meu amor primeiro,
Deixar-te custa-me muito.

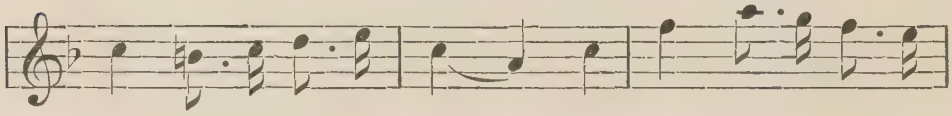
Por mais que o loureiro cresça
Ao céu não ha de chegar;
Por mais amores que eu tivesse,
Não te haviam de igualar.

CONSTANCIA

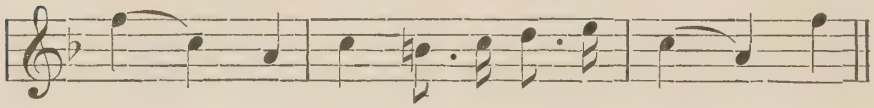
Andante mosso.



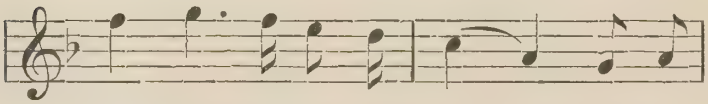
Cons tan cia mi nha Cons tan cia Não



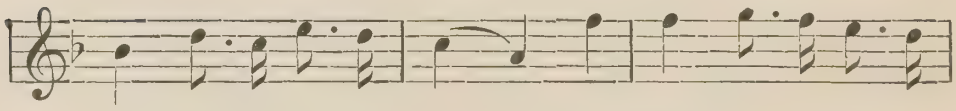
sei que de ti se rá São a ca sos da ven



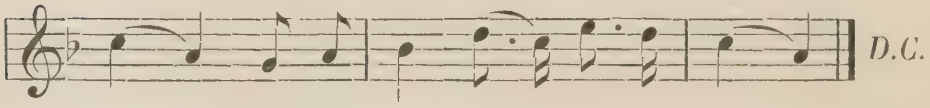
tu ra São vol tas q'o mun do dá. Oh



Cons tan cia não me dei xes Qu'eu a



in da te não dei xei Dis farça e a bra ça



ou trem Qu'eu tam bem as sim fa rei.

Constancia, minha Constancia,
Não sei que de ti será;
São acasos da ventura,
São voltas que o mundo dá.

Oh Constancia, não me deixes,
Que eu inda te não deixei;
Disfarça e abraça a outrem,
Que eu tambem assim farei.

Agora viva o terreiro,
Que lá anda cousa bella;
Vale mais hoje o terreiro
Que a cidade de Palmella.

Entre tantas damas bellas
Só uma escolherei;
Escolhe, amor, quem quizeres
Que eu tambem assim farei.

Não te quero a ti,
Nem a ti, nem a ti;
Quero-te só a ti,
Que nasceste para mim.

III

CANTIGAS DE TRAZ OS MONTES

ADEUS

Adeus, amor, que me parto
Das tuas ingratidões,
Pois sem mais satisfações
Repousas no meu tormento;
Se eu não fui do teu contento
Essa culpa não m'a dês,
Queira Deus que aches, ingrato,
Uma outra que te faça
O que esta triste te fez.

AS QUATRO FLORES

Eu te mandei um raminho
Com quatro castas de flores,
Todas quatro vem lembrar
Nossos primeiros amores.

A primeira é a silva,
Que significa prisão;
Juro que foste o primeiro,
Que entraste em meu coração.

A segunda é de côr verde,
Que significa esperança;
Toda a vida ouvi dizer,
Que quem espera sempre alcança.

A terceira é azul,
Que significa ciume;
Tu p'ra mim sempre agastado,
Eu p'ra ti nenhum queixume.

A quarta é a saudade
Do tempo que já passou,
Regada pelos meus olhos
No meu peito se creou.

DESGARRADA

Adeus, jardim de flores,
Meu lindo amor-perfeito,
Quando t'alguem procurar
Seja dentro do meu peito.

Eu amei esses teus olhos,
Cravo roxo bem parecido,
Dentro do meu coração
Andas todo já mettido.

Plantei-te no meu peito,
Arvore de tóro grosso,
Deixei-te crear raizes,
Quiz arrancar-te, não posso.

Já me tinhas bem captiva,
Isto é uma verdade
Agora já me não tens,
Que és cheio de falsidade.

Já os meus olhos não olham
P'ra quem olhavam em tempo,
Porque os tenho obrigado
A fugir do seu intento.

Escuta, se queres ouvir,
O que diz meu coração,
Em tempos gostei de ti,
Agora não gosto, não.

Deitei-me no lameirinho,
Debaixo estava o acinto,
Diffamaram-me comtigo,
Que é a cousa que mais sinto.

Inda que você é rico,
E eu pobre sem ter nada,
Nunca me rebaixaria,
Por desprezada me dava.

DESGARRADA

O meu coração fechou-se
Com uma chavinha d'oiro;
Desfechar nossa amizade
Nem o rei com o seu thesouro!

Tenho dentro do meu peito
Um logar para te dar,
Faz, amor, por o merecer,
Que eu não t'o hei de negar.

Eu puz-me a jogar as cartas
N'uma banca de latão,
Logo ao primeiro truco
Ganhei o teu coração.

Puz-me a jogar o retruco
N'uma mesa de marfim,
Bem pensei de te ganhar,
Perdi-te! meu serafim.

Diz que não gosta de mim,
A mim que se me dá bem,
Quando eu gostar de si,
Gostará de mim tambem.

DESGARRADA

Jura aqui, oh meu amor,
Jura aqui que eu jurarei,
Jura tu ser-me constante,
Que eu á fé não faltarei.

Juro-te por esta cruz,
Quem te jura não te mente,
Só a Deus do céu a dar,
Quando de ti for ausente.

No alto d'aquella serra
Se geraram dois trovões,
Já é tempo que se juntem
Desditosos corações.

Açucena com o pé n'agua
Está verde quarenta dias,
Eu sem ti nem uma hora,
Tu sem mim annos e dias!

Atiraste-me, atirei-te,
Encontraram-se as pedradas,
Se ellas vem d'esse teu peito,
Venham mais continuadas.

Oh meu amor, se partires,
Leva-me, podendo ser,
Que quero ir acabar
Onde tu fores morrer.

Algum dia era eu
Do teu prato a melhor sopa;
Agora sou rosalgar
Mettido na tua bôca.

SÃO JOÃO

No altar de São João
Nascem rosas amarellas;
São João subiu ao céu
A pedir pelas donzellas.

No altar de São João
Nascem bellas cerejeiras;
São João subiu ao céu
A pedir pelas solteiras.

No altar de São João
Nascem rosas encarnadas;
São João subiu ao céu
A pedir pelas casadas.

São João perdeu a capa
No caminho do estudo;
Ajuntem-se as moças todas,
Comprem-lhe uma de velludo.

Oh meu São João Baptista,
Oh meu lindo marinheîro;
Levae-me na vossa ida
Para o Rio de Janeiro.

São João se adormeceu
Nas escadas do collegio;
Deram as moças com elle,
São João tem privilegio.

Se fores a São João,
Trazei-me o São Joãosinho;
Se não podéres com o grande,
Trazei o mais picochinho.

DESAFIO

—Venho aqui de bem longe
Á fama do teu cantar,
Disseram que eras mestre,
Eu venho-me examinar.

«Menina dos olhos verdes
Vire-se cá para mim,
Que lhe quero dar um cravo,
Uma rosa e um jasmim.

—O cravo, que me offerece,
Já o tenho no meu peito;
O jasmim e mais a rosa
São favores que lhe acceito.

«Sou feliz e sou contente
Com a sua acceitação,
Quem traz o cravo no peito
Traz amor no coração.

—Suspiro, por quem suspiras?
Suspiros por quem se dão?
Vê, amor, por quem suspiras,
Não dês suspiros em vão.

«Só suspiro porque existes,
Só existo p'ra te amar;
Se a existencia perdesse,
Morreria a suspirar.

—Indo pela rua abaixo
Olhei para traz, e vi
Um letreiro que dizia
-Amor não sou para ti-

«Eu, como sabia ler,
Tirei aquelle puz outro;
—Se tu não és para mim
Nem eu para ti tão pouco—

—Vem cá tu, meu lirio roxo,
Quero-te desenganar,
Procura outros amores
Que meu pae quer-me casar.

«Antes que teu pae te case
Não se aparta o bem querer,
Casarás, serás viuva,
Voltarás ao meu poder.

—Todos os males tem cura
Com remedios da botica,
Ai! só as saudades não,
Quem as tem com ellas fica.

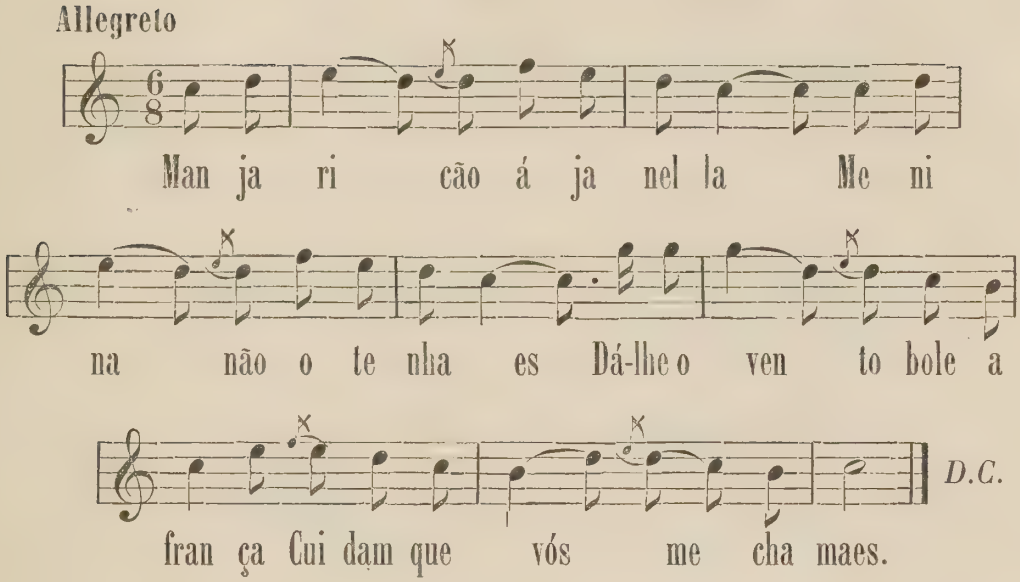
«Os meus males não tem cura
Longe de ti, caro bem,
Apenas estou comtigo
O mal foge, o prazer vem.

—Ninguem se fie nos homens,
Nem no seu doce fallar,
Tem palavrinhas de mel,
Coração de rosalgar.

IV

CANTIGAS DOS AÇORES

MANJARICÃO



Manjaricão á janella,
Menina, não o tenhaes,
Dá-lhe o vento, bole a França,
Cuidam que vós me chamaes.

A sombra d'esse teu corpo
Quando a vejo no chão...
Aperto, p'ra não fugir,
O meu pobre coração.

As rosas não é preciso
Ir colhe-las á roseira;
As rosas são os sorrisos
D'essa bôca feiticeira.

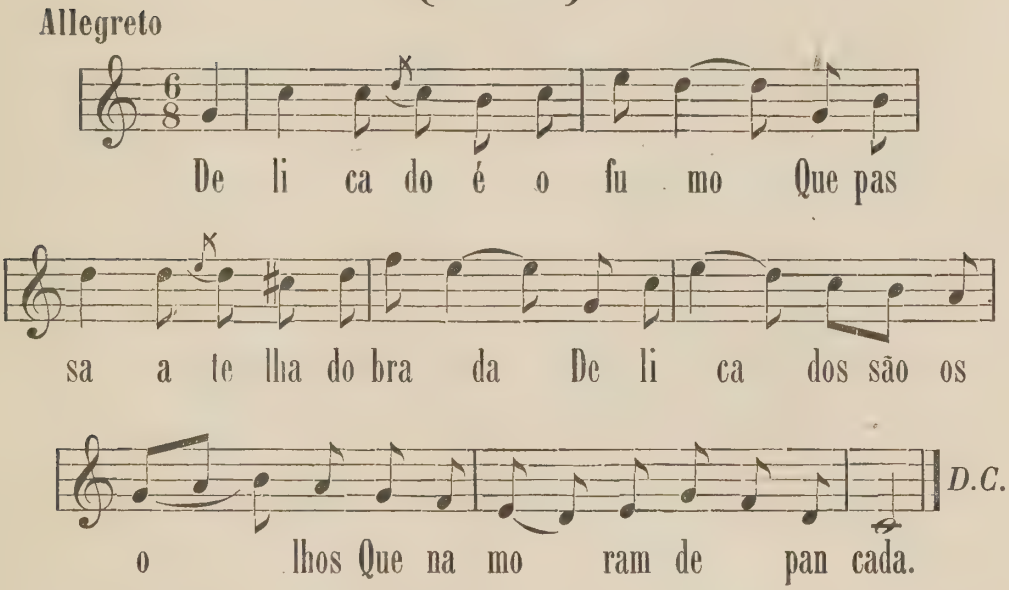
Fui-me deitar entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto,
Abracei-me a uma d'ellas,
Cuidando que era o teu rosto.

Quem me dera a liberdade
Que a restea do luar tem;
Entrava pela janella,
Ía fallar ao meu bem.

Coração, não vivas triste,
Vive alegre se podéres;
Dá o mundo muita volta,
Coração não desesperes.

CHAMA RITA

(nova)



Delicado é o fumo,
Que passa a telha dobrada,
Delicados são os olhos,
Que namoram de pancada.

Oh olhos azues queridos,
Côr do mar, quando está manso,
No dia que te não vejo
Meu coração dá balanço.

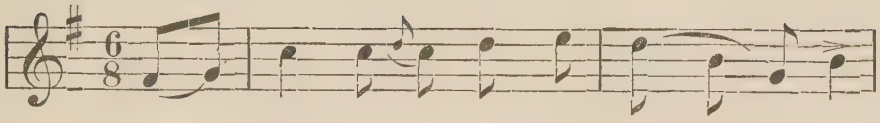
Deste-me alecrim por prenda
Por ter a folha miuda;
Quizeste-me exp'rimentar,
Amor firme não se muda.

Tenho penas sobre penas,
Todas da banda direita;
Como póde adormecer
Quem sobre *pennas* se deita?!

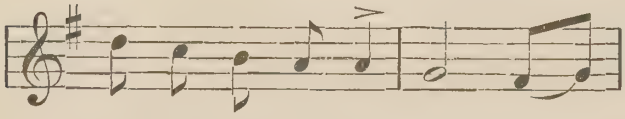
Oh minha Ribeira secca,
Minha Ribeira de flores,
Para lá de ti, Ribeira,
É que eu tenho os meus amores.

SAPATEIA!

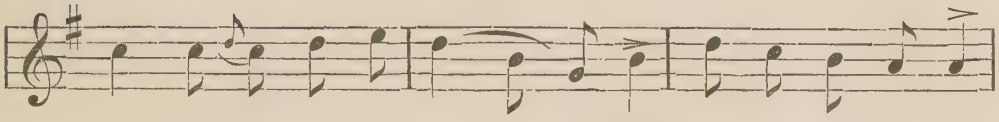
Andante gracioso.



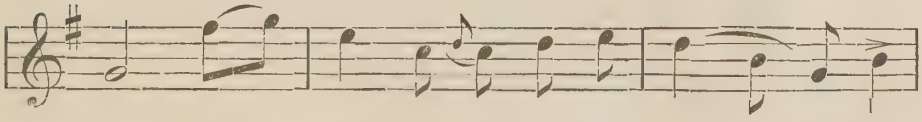
Ca be ça to ma ju i zo Oh



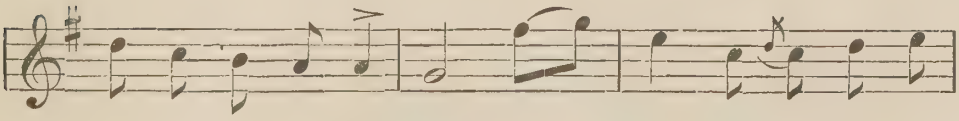
ju i zo as so cega Ca



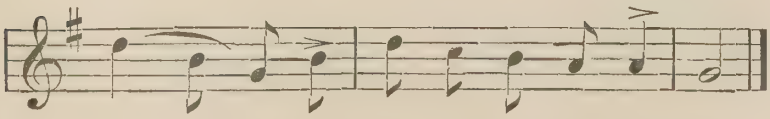
be ça to ma ju i zo Oh ju i zo as so



cega Não se jas vé la la ti na Qu'a



to do tem po na vega Não se jas vé la la



ti na Qu'a to do tem po na vega.

Cabeça, toma juizo,
Oh juizo assocega;
Não sejas véla latina,
Que a todo o tempo navega.

Vós chamaes-me trigueirinha,
Eu do sangue não o sou,
Isto foi do pó da eira,
Da calma, que me queimou.

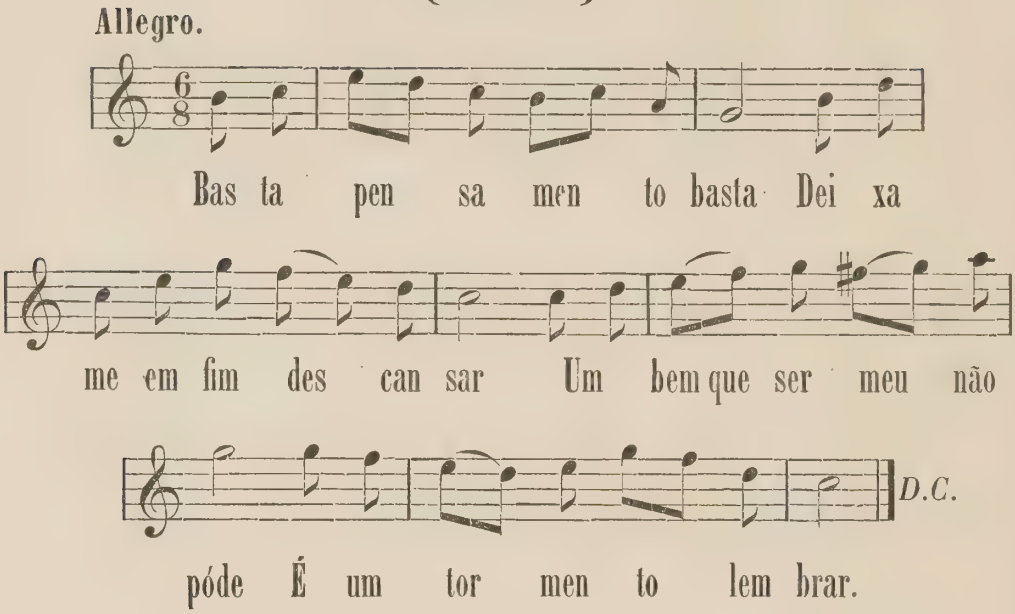
Eu não quero homem altivo
Com presumpções de nobreza;
Eu não quero fidalguia,
Que sou filha da pobreza.

O meu amor da cidade
Tira tempo, vem-me ver,
Que as cartas são escusadas
Para mim, que não sei ler.

Ha tempos que te não vi,
Laços da minha feição;
Sempre jurei de te dar
Alma, vida e coração.

CHAMA RITA

(velha)



Basta, pensamento, basta,
Deixa-me emfim descansar;
Um bem, que ser meu não póde,
É um tormento lembrar.

Anda cá, minha Chama Rita,
São garrafas, não são bilhas;
É assim como se canta
A Chama Rita das ilhas.

Deixae vós fallar quem falla,
Deixae vós dizer quem diz,
Deixae vós correr as aguas
Direitas ao chafariz.

Coração não gostes d'ella,
Que ella não gosta de ti,
Não estejas, coração,
Tape, tepe, tepe, ti.

Estas meninas d'agora,
Estas que d'agora são,
Trazem assucar na bôca,
Rosalgar no coração.

V

CANTIGAS DO BERÇO

DORMI, MEU MENINO

Dormi, meu menino,
Dormi, meu amor,
Sem almofadinha
Nem cobertor.

Dormi, meu menino,
Fechae o olhinho,
Que vem as raposas
Papar o menino.

Cala, cala, meu menino,
Que tua mãe já ahi vem,
Foi lavar os coeirinhos
Á fontinha de Belem.

O meu menino é d'oiro,
D'oiro é o meu menino,
Hei de entrega-lo aos anjos,
Emquanto é pequenino.

Vae-te embora, vae-te oh medo,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um somninho descansado.

Rouxinol da penna verde
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino,
Que está no somno primeiro.

A cantiga do ró ró
Minha mãe m'a ensinou,
Quando eu estava no berço
Logo m'a ella cantou.

Quem tem meninos pequenos
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar!...

JESUS PEQUENINO

¿Viste a donzella,
Á beira do rio,
Lavando os panninhos
Do seu bento filho.

A Senhora lavava,
São José estendia;
Chorava o menino
Do frio que havia.

Calae, meu menino,
Calae, meu amor!
Que as vossas verdades
Me cortam de dor.

Calae, meu menino,
Calae, meu amor!
Que são navalhadas
Que cortam de dor.

Filho d'homem rico
Em berço dourado,
E vós, meu menino,
Em palhas deitado!

Em palhas deitado,
Em palha esquecido..
Filho d'uma rosa,
D'um cravo nascido.

Filho d'homem rico
Em bons cobertores,
E vós, meu menino,
Cheinho de dores.

Filho d'homem rico
Em bom travesseiro,
E vós, meu menino,
Preso a um madeiro!

OH MEU MENINO JESUS

Oh meu menino Jesus,
Oh minha bella flor,
Fizestes-vos picochinho,
Sendo tão alto Senhor!

Oh meu menino Jesus,
Oh meu tribulado amor,
Vamos ambos para o céu,
Seja de que modo for.

Oh meu menino Jesus,
Meu amor atribulado,
Vamos ambos para o céu
Que este mundo é desgraçado.

Oh meu menino Jesus,
Minha ginja garrafal,
Sereis o meu confessor,
Farei confissão geral.

Oh meu menino Jesus,
Oh meu baguinho de passa;
O que vem da vossa mão
Tudo vem cheio de graça.

Oh menino Jesus,
Raminho de almaraguz,
No dia que vos não vejo
Nem o céu me quer dar luz.

Oh meu menino Jesus,
Quem vos deu? porque choraes?
—Foi a minha avó Sant'Anna,
Oxalá me dera mais!

Oh meu menino Jesus,
Quem vos fez a casaquinha?
—Fê-la a minha avó Sant'Anna,
Com botões de prata fina.

Oh meu menino Jesus,
Alfaiatinho soberano,
Mandae-me lá d'esses céus
Um retalhinho de panno.

Oh meu menino Jesus,
Alfaiatinho do céu,
Dae-me um dos vossos retalhos
Para fazer um mantéu.

Sonhei esta noite um sonho,
Oxalá que seja assim!
Sonhei que estava no céu,
Os anjos ao pé de mim.

OFFERTA

Menino Jesus
Tenho que vos dar,
Pelos vossos pés
Hei de começar.

O primeiro dado
Hão de ser sapatos,
Hemos de ir á feira
Compra-los baratos.

Já tendes sapatos
Precisaes meinhas,
Eu vo-las darei
De linhas bem finas.

Já tendes meinhas
Precisaes liguinhas,
Eu vo-las darei
De Salve-Rainhas.

Já tendes liguinhas
Precisaes camisa,
Eu vo-la darei
De cambraia fina.

Já tendes camisa
Precisaes jaleque,
Eu vo-lo darei
De panno de crepe.

Já tendes jaleque
Precisaes casaca,
Eu vo-lá darei
De botões de prata.

Já tendes casaca
Precisaes gravata,
Eu vo-la darei
De oiro e de prata.

Já tendes gravata
Precisaes chapéu,
—Menino Jesus
Levae-me p'ra o céu.

Menino Jesus
Que mais te hei de dar?
Uma rica cama
Para te deitar.

O MEU MENINO É DISCRETO

Nossa Senhora da Lapa
Quer que eu seja sua nora;
Só se me der o menino,
Que está no altar de fóra
Em manguinhas de camisa,
Tocando n'uma viola.
A viola é de prata,
As cordinhas são de arame;
O meu menino é discreto,
Já não ha quem o engane.

NOSSA SENHORA DA LAPA

Nossa Senhora da Lapa
Tem os pés na tabuinha;
Oh que cadeira tão baixa
Para tão alta rainha!

Nossa Senhora da Lapa
Mandou-me agora chamar,
Que tem o seu manto roto
Que lh'o fosse arremendar.

Minha Senhora da Lapa
Mandae varrer a calçada,
Porque picam as pedrinhas,
Quando vou de madrugada.

Nossa Senhora da Lapa,
Senhora d'alta valia,
Levae-me cá d'este mundo
Para a vossa companhia.

Nossa Senhora da Lapa
Vestidinha de setim,
Quem me dera já no céu,
Os anjos ao pé de mim.

Fui á Senhora da Lapa
Varri-lhe a sua testeira,
Ella do altar me disse
—Eu te pagarei, solteira.

Fui á Senhora da Lapa,
Varri-lhe a sua calçada,
Ella do altar me disse,
—Eu te pagarei, casada.

Nossa Senhora da Lapa
Tem uma estrella no manto,
Deram-lh'a os anjos do céu
Domingo do Esp'rito Santo.

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa Senhora minha,
Chamae-me vós afilhada,
Que vos chamarei madrinha.

Nossa Senhora da Lapa,
Que daes aos vossos romeiros?
—Dou-lhe agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Nossa Senhora da Lapa,
Que daes a quem por vós chama?
—Ás casadas bom marido,
Ás solteiras boa fama.

INDICE

Pag.

Advertencia do collector 7

I—Cantigas de Coimbra

Não canto por bem cantar 11
O Marujo 53
O Marujinho 57
O londum da Figueira 59
Oh Ladrão 63
Oh Elvas, oh Elvas 65
Os olhos da Mariannita 67
A Rolinha 69
O Fado 75
Trigueirinha 139
Meu bemzinho 141
Morena 143
Cavaco do rio 145
Folgadinho 147
Vivo triste sem o meu derriço 149
Oh senhor ladrão 151
Oh meu bem da fita amarella 153
Afasta janota, afasta 156
O Periquito 158

Pag.

A menina vae ao baile 160
O Preto 162
Oh flor da murta 164
A Carrasquinha 166
Estudantina 168
Amphigurí 174

II—Cantigas do Minho

Canna verde 181
Manuel 184
O Derriço 186
Chula ou Ramalde 189
Constancia 192

III—Cantigas de Traz os Montes

Adeus 197
As quatro flores 197
Desgarradas 199
São João 206
Desafio 208

IV—Cantigas dos Açores

Manjaricão 215
Chama Rita (nova) 217
Sapateia! 219
Chama Rita (velha) 222

V—Cantigas do berço

Pag.

Dormi meu menino 227
Jesus pequenino 230
Oh meu menino Jesus 232
Offerta 235
O meu menino é discreto 238
Nossa Senhora da Lapa 238

-3145-

M 1781 M45M8
Mello Filho, Adelino Antonio das Neves e
Musicas e canções populares

Music

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY